

Revista do **Ancião**

jul-set 2017

Recursos para Líderes de Igreja



Exemplar Avulsor: R\$ 8,75. Assinatura: R\$ 27,80

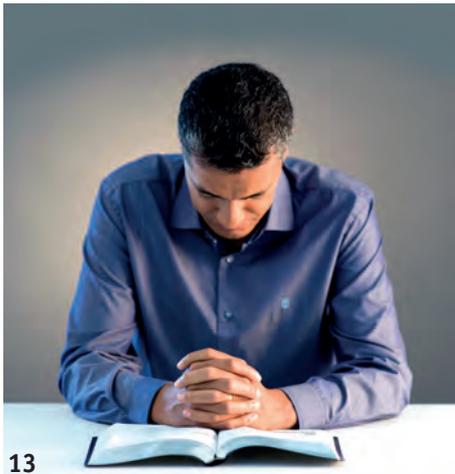


Momento inesquecível

A emoção do novo nascimento

SUMÁRIO

- 3 Editorial**
Líderes voluntários
- 4 O ideal de servir**
Exemplo de dedicação. Acompanhe!
- 8 Tudo no pregador deve pregar**
Detalhes importantes na pregação
- 10 Tema central do sermônário**
Como pregador, atente para isso
- 12 Você na Revista do Ancião**
Sua contribuição é importante
- 13 Aos pés do Mestre**
Na primeira hora do dia
- 17 Esboço de Sermões**
Amplie os esboços com comentários e ilustrações
- 21 A ressurreição da igreja missional**
Até aos confins da Terra



13

Aquisição da Revista do Ancião
O ancião que desejar adquirir a revista deve falar com o pastor de sua igreja ou com o ministerial do Campo.



- 24 Preparo para a cerimônia batismal**
Fundamental para os novos conversos
- 27 Paulo e a lei**
Questão teológica importante
- 29 Bibliografia**
Para seu crescimento cultural e espiritual
- 30 Equipe ministerial**
Parceria e não concorrência
- 33 Classe bíblica: fundamentos práticos**
É simples, mas eficaz no evangelismo



21

CALENDÁRIO

Data	Evento	
Julho	Sábado 22	Semana de Oração JA
	Sábado 29	Semana de Oração JA
Agosto	Sábado 5	Dia da Multiplicação de Pequenos Grupos
	Sábado 26	Projeto "Quebrando o Silêncio"
Setembro	Sábado 16	Dia Mundial do Desbravador e Batismo de Primavera
	Sábado 23	Batismo de Primavera

Uma publicação da
Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 17 – Nº 67 – Jul-Set 2017
Revista Trimestral – ISSN 2236-708X

Editor

Nerivan Silva
Editor Associado
Márcio Nastrini

Projeto Gráfico

Vandir Dorta Jr.
Programação Visual
André Rodrigues
Imagem da Capa
William de Moraes

Colaboradores Especiais

Carlos Hein e Lucas Alves Bezerra

Colaboradores

Edilson Valiante; Jair Gois; Cícero Gama;
Raides Nascimento; Jadson Rocha;
Ariildo Souza; Mitchel Urbano; Geraldo
Magela; Iván Samojluk; Efrain Choque;
Luis Velásquez; Cornelio Chinchay;
Tito Valenzuela; Alberto Peña;
Rubén Montero; Evanildo Ramos.

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Uilson Garcia

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Visite o nosso site

www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento
ao Cliente
sac@cpb.com.br

Revista do Ancião na Internet
www.dsa.org.br/anciao

Artigos e correspondências para a *Revista do Ancião* devem ser enviados para:

Caixa Postal 2600; 70279-970, Brasília, DF
ou e-mails:

ministerial.dsa@adventistas.org /
revista.anciao@cpb.com.br

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia Estadual SP 127, km 106
Caixa Postal 34; 18270-970, Tatuí, SP

Tiragem: 48 mil

Exemplar Avulso: R\$ 8,75

Assinatura: R\$ 27,80



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial, por qualquer meio, sem
prévia autorização escrita do
autor e da Editora.

7180 / 36239

Líderes voluntários

Quando fui pastor distrital em algumas regiões do Brasil, ouvi muitos membros da igreja, em sua sinceridade, pronunciar a seguinte frase: “Eu sou um líder voluntário.” E, na seqüência, outros, indiferentes à missão, diziam: “Não recebo salário para exercer cargo na igreja.” De fato, a igreja adventista crê no sacerdócio e ministério de todos os crentes (ver 2Pe 2:9), e também ensina que os dons espirituais foram dados “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:12). Portanto, a igreja reconhece que você é um líder voluntário.

No entanto, o que significa ser voluntário? É a espontaneidade de uma pessoa que se dispõe a ajudar uma causa. Como diz o *Dicionário Aurélio*, “derivado da vontade própria; em que não há coação; espontâneo.” Nesse contexto, podemos dizer que, na igreja, a pessoa “vai se quiser”, “faz se quiser”, “não tem obrigação”. E tudo isso, obviamente, porque é voluntário.

Da perspectiva do discipulado será que é assim mesmo? O evangelista Marcos narra o chamado de Jesus aos discípulos (ver Mc 1:16-20). O verso 18 diz: “Então, eles deixaram imediatamente as redes e O seguiram.” Isso pressupõe deixar coisas. No verso 20, lemos: “Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus.” Isso pressupõe deixar pessoas.

O “deixar” pressupõe compromisso com a causa. Simão, André, Tiago e João eram voluntários para aceitar ou não o chamado do Mestre. Entretanto, ao aceitá-lo, eles se conscientizaram de que, embora fossem voluntários, tinham um compromisso. E, a evidência disso, é que eles deixaram “as redes” e “seu pai”.

Ser voluntário, porém, compromissado, é ser detentor de um dos maiores privilégios, se não o maior, já dado aos seres humanos: trabalhar com Deus e para Deus na salvação de pessoas. O “eu vou se quiser”, “faço se quiser” não tem lugar na vida de um líder espiritual consciente de seu discipulado. O apóstolo Paulo foi um obreiro voluntário, mas consciente de seu chamado, e passou isso para seus auxiliares missionários (ver At 15:40; 16:1-3; 17:10; Tt 1:5).

Prezado ancião, seu ministério na igreja local tem profundo significado na vida de muitas pessoas. Seus sermões, suas visitas aos enfermos, aos afastados da igreja; os estudos bíblicos aos interessados nas verdades espirituais; enfim, suas atividades como obreiro voluntário; tudo isso está escrito nos registros celestiais.

Em breve, Deus abrirá as cortinas do tempo, e mostrará a você os frutos de seu trabalho como obreiro voluntário em Sua igreja. Isto é, pessoas salvas na eternidade.

A minha oração é que Deus lhe abençoe grandemente, a fim de que você, sendo um obreiro voluntário, realize um frutífero ministério cristão. E lembre-se das palavras do Mestre: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor” (Mt 25:23). ■

O “eu vou se quiser”, “faço se quiser” não tem lugar na vida de um discípulo, embora seja voluntário

Nerivan Silva

Editor



William de Moraes

LEO ARNO RICHTER



Cedida pelo entrevistado

O ideal de servir

Leo Arno Richter é nascido em Porto Alegre, RS. Ele é bacharel em Ciências Contábeis (UFRGS), Extensionista em Didática (URI) e Auditor Público Externo do TCE-RS. Atualmente, desempenha as funções de ancião e diretor do Ministério Pessoal na Igreja Central de Porto Alegre. É casado com Maria Rejane Borges Richter, psicóloga (Instituto Metodista de Ensino). O casal tem três filhos: Rúbens William Borges Richter (23 anos), Christian Borges Richter (21 anos) e Natália Borges Richter (17 anos). Todos estudam no UNASP-EC, respectivamente, Teologia (3º e 4º anos) e Pedagogia.

Ancião: Fale um pouco sobre o anciano de sua igreja.

Leo Richter: Somos em doze anciãos para atender uma igreja com 1.472 membros registrados no sistema de secretaria. Desse grupo, temos dois anciãos nomeados especialmente para liderar o ministério jovem, e os demais, além das tarefas comuns de ancião, dão assistência a um ou mais ministérios da igreja distribuídos de acordo com o perfil de cada um.

Como o senhor descreve o perfil de um ancião de igreja?

O ancião precisa amar a igreja. Isso implica identificar as necessidades de seus membros, proporcionando a eles oportunidade de buscar experiência cristã mais profunda. Por experiência

própria, ele deve acreditar que a solução vem unicamente de Deus. É necessário que esteja atualizado com o seu tempo, indicando caminhos que estejam de acordo com a vontade de Deus e não com as suas próprias opiniões. Creio que faz parte desse perfil o desenvolvimento de líderes, especialmente ajudando a formar os mais jovens.

Que projetos missionários sua igreja tem desenvolvido?

Vários: classes bíblicas, Pequenos Grupos, pontos de pregação, distribuição de livros e folhetos, cantatas dos corais na comunidade, mutirão de Natal, seminários para casais, encontros de jovens, atendimento de

peças no Centro de Vida Saudável, palestras e seminários sobre saúde, eventos para mulheres, escola de música e orquestra abertas à comunidade, recuperação de dependentes químicos, atendimento (alimentos, livros) a pessoas necessitadas ao estarem em filas de atendimentos de emergência, socorros em calamidades públicas, e outros.

Qual é a visão de sua igreja sobre o discipulado, isto é, o desenvolvimento de pessoas?

A visão de nossa igreja é a do conceito de educação contínua na vida cristã. Em nossa compreensão, a primeira fase do discipulado é fundamental. Deve começar com estudos bíblicos. Em seguida, a igreja local, por consenso, recomenda que o membro recém-batizado deve participar ativamente da segunda e terceira fases do discipulado. No nosso caso, as atividades se desenvolvem em um período de seis meses, no mesmo horário da Escola Sabatina, com aulas acentuadamente práticas, que incentivam os alunos a conduzir programas completos nos sábados pela manhã em igrejas menores, e à tarde, realizando obras de ajuda humanitária. Após esse período, estes alunos se juntam às unidades da Escola Sabatina e passam a ter participação ativa nos projetos missionários, sendo nomeados para ocupar algumas funções, como por exemplo, exercer o diaconato da igreja. Desse modo, o índice de afastamento de novos convertidos é reduzido.

Como contador, que conselhos e orientações o senhor daria às famílias da igreja em relação à administração das finanças?

Com a crise econômica no país, esse assunto é de grande importância na vida dessas famílias. Então, primeira dica: busque as orientações inspiradas

“Líderes espirituais encontram em Cristo o modelo ideal para servir à igreja”

da Bíblia e do Espírito de Profecia. Estas informações são atualíssimas. Por exemplo, o livro *O Lar Adventista* traz o capítulo “O Uso do Dinheiro”. Ele descreve resumidamente as seguintes orientações gerais: ter um orçamento formal escrito de entradas e saídas financeiras. Cuide para não gastar mais do que se ganha e estabeleça a seguinte ordem: primeiro Deus, depois o fundo de reserva e somente depois os demais gastos. Segunda dica: assista ao programa *Saldo Extra* da TV Novo Tempo (os programas antigos estão gravados no site). Por fim, baixe planilha excel no site do *Saldo Extra* e, se possível, adquira o caderno sobre esse assunto editado pela Casa Publicadora Brasileira.

Quais são as características relevantes de sua igreja como comunidade?

Nossa igreja é uma comunidade que vem desenvolvendo maior relacionamento fraternal entre os membros. Por se tratar de igreja grande, o ponto forte, atualmente, tem sido os muitos encontros das unidades da Escola Sabatina. Os “junta-panels” têm contribuído para que os membros se conheçam melhor. O ministério jovem também tem investido em programas sociais de qualidade. Jovens de outras igrejas adventistas

são convidados, e isto cria uma saudável atmosfera de convivência cristã. A ASA (Assistência Social Adventista) também se envolve nesse contexto comunitário, atendendo a famílias com alimentos, construções e reformas de residências.

Como a Igreja Central de Porto Alegre realiza o evangelismo?

Além dos programas tradicionais, estamos testando um mapa (tipo Google Maps) com a localização dos membros da igreja e seus Pequenos Grupos (PGs) e interessados cadastrados pelo Ministério da Recepção ou pela TV Novo Tempo. A ideia é usar o critério geográfico para o trabalho de evangelismo pessoal ou em grupo (PGs ou unidade da Escola Sabatina). Além disso, há um grupo que trabalha com cartas manuscritas que são enviadas para pessoas que já estiveram na igreja. Pela boa recepção e acolhimento que tiveram, elas nos respondem positivamente.

Que sugestões e orientações o senhor daria a um jovem que foi nomeado ancião?

Eu o aconselharia a usar suas habilidades criativas para as atividades da igreja, mantendo a mente fixa nas realidades eternas. Isto implica estudo da Bíblia e do Espírito de Profecia. Diria a esse jovem para manter em sua vida, com humildade e amor, os princípios de Deus. Que seja um jovem de oração, levando os demais jovens à ação missionária.

Qual é o envolvimento dos ministérios de sua igreja nos projetos missionários?

A igreja procura fazer com que cada ministério desenvolva visão missionária, envolvendo o maior número de membros possível. Portanto, os ministérios com suas várias atividades (corais, orquestra, desbravadores, aventureiros, escola de música, encontro de casais, seminários para jovens, classes



Cedida pelo entrevistado

bíblicas, Centro de Vida Saudável e outras) têm conquistado novos interessados na mensagem e no convívio da igreja. O Ministério Pessoal se encarrega de integrar cada pessoa na igreja, conforme sua faixa etária.

Como o senhor concilia suas atividades profissionais e família com as atividades de ancião?

Bem, tento conciliar! É necessário ter agenda e disciplina. Há um tempo para cada coisa: profissão, chefe de família (pai e esposo) e líder espiritual (ancião). Abrir e fechar a porta para cada um desses personagens no tempo certo só com muita sabedoria e amor de Deus no coração. Então, começar o dia com a devoção pessoal e culto familiar é fundamental. Ao fim do dia, quando chego em casa, é necessário dar atenção à família e terminar o dia com o culto familiar. É difícil. Nem sempre consigo, mas tenho perseverança pelo poder de Deus.

Que parte da Revista do Ancião tem contribuído para melhorar seu desempenho como ancião?

Gosto das matérias que tratam de estratégias missionárias. Geralmente, elas dão boas ideias que podem ser adaptadas e aplicadas a nossa realidade local.

Dra. Maria Rejane, em sua opinião, como psicóloga cristã, que projetos poderiam ser desenvolvidos pelos psicólogos adventistas na igreja local para ajudar os membros?

É necessário ver qual a demanda local da igreja e quais as habilidades do psicólogo disponível. Algumas sugestões de projetos:

- Oferecer apoio psicológico voluntário a quem necessita.
- Criar grupos terapêuticos para atender pessoas (idosos, pais, jovens, adolescentes, crianças, gestantes). O psicólogo poderá tratar situações variadas (angústia, medo, ansiedade, dor, tristeza) que perpassam a vida de muitos membros da igreja.
- Realizar seminários levando a igreja a unir as verdades bíblicas com a psicologia cristã, utilizando a inteligência emocional para o desenvolvimento de hábitos saudáveis.

Podemos dizer que há uma relação das doenças psicossomáticas com a apatia espiritual da igreja? Por quê?

Sim, porque as doenças que se originam na mente e se manifestam no corpo deixam a pessoa muito fragilizada em seu estado emocional. Assim, ela pensa que Deus não se importa com ela. Isso

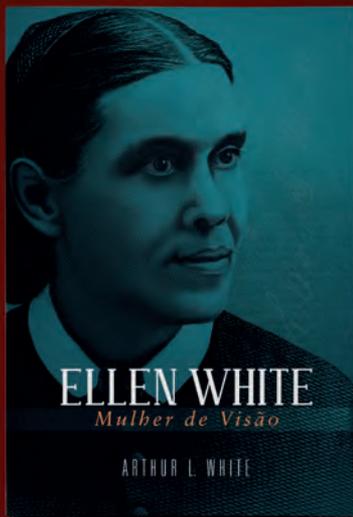
pode levar à indiferença e à falta de motivação no relacionamento com Deus e a igreja. A apatia espiritual também pode levar os membros a ter doenças psicossomáticas. Em razão de uma vida em desarmonia com os princípios espirituais, o que gera sentimento de culpa, ansiedade, medo, raiva de si mesmo e da comunidade cristã, e até mesmo de Deus, por achar que é impossível viver à altura desses princípios. Nestes casos, é necessário que o psicólogo cristão contribua com a pessoa no sentido de abrir possibilidades para mudanças de percepção, pensamento e comportamento que a levam a desenvolver hábitos que lhe proporcionem melhor saúde espiritual, mental, física e social. Esta experiência gera confiança no cuidado e amor de Deus.

Que sugestões a senhora daria a um ancião para tornar mais agradável seu relacionamento com a esposa?

Penso que a primeira coisa que uma esposa de ancião espera é que seu marido seja o sacerdote do lar. Por isso, é fundamental que o ancião preserve sua vida espiritual e de sua família, tendo Cristo como modelo. Não é tarefa fácil. Quanto à vida conjugal, o ancião não pode ignorar que deve cuidar de sua esposa com amor e delicadeza. Um homem assim, a esposa o respeita, o admira e o segue. É uma bênção!

Na igreja, o conflito de gerações está associado a aspectos psicológicos? Como?

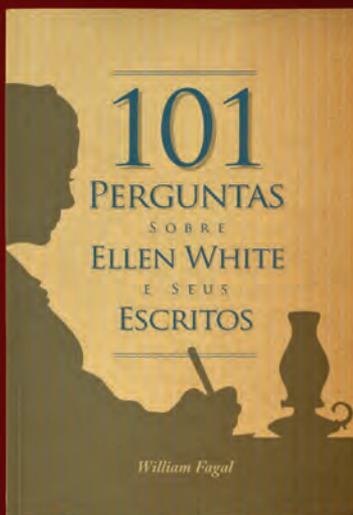
Pode estar associado sim, pois o desenvolvimento do indivíduo (biopsicossocial e espiritual) ocorre em culturas transformadas pela modernidade. O funcionamento cerebral se processa de forma diferenciada em cada pessoa, e é aí que residem os conflitos. É necessário, portanto, que busquem aprender na escola de Cristo, onde a aceitação do outro com suas diferenças é imprescindível para a unidade na igreja. ■



Ellen White *Mulher de Visão*

Arthur L. White

Ellen White: Mulher de Visão é a mais ampla e detalhada biografia da autora publicada em língua portuguesa. Produzida por seu neto Arthur L. White, a obra permite visualizar aspectos interessantes e reveladores de sua personalidade no papel de esposa, mãe, avó, conselheira, líder e fiel mensageira do Senhor.



101 Perguntas Sobre Ellen White e Seus Escritos

William Fagal

Neste livro, o pastor William Fagal, diretor associado do Ellen G. White Estate, dá respostas instigantes a 101 das perguntas feitas com maior frequência, muitas delas bastante controversas. De forma didática, ele expõe diversos mitos e apresenta ao leitor a verdade sobre essa autora que inspira gerações.



Mensageira do Senhor

Herbert E. Douglass

Com este livro conheceremos um pouco mais sobre o ministério profético de Ellen G. White. Durante 70 anos ela trabalhou como a mensageira do Senhor escrevendo, pregando, aconselhando, viajando, advertindo e encorajando. Aprecie este material que irá enriquecer sua biblioteca.



Tudo no pregador deve pregar

A importância dos elementos não verbais na pregação

Até aqui, os textos desta seção estiveram relacionados principalmente com a preparação do sermão, algo que o pregador executa individualmente. Neste, e nos próximos textos, vamos focalizar a apresentação do sermão, que é quando o pregador se coloca diante da congregação e prega efetivamente. Nesse momento da exposição oral, a congregação vai ser influenciada tanto pelo que *ouve* do pregador quanto pelo que ela *vê* no pregador. Os elementos verbais e vocais (também chamados de código audível) vão interagir com os elementos não verbais (ou código visível), e cada um deles pode ajudar ou atrapalhar o sermão.

O professor de homilética Merwyn Warren explica: “A teoria da comunicação ressalta que no momento em que os espectadores veem o pregador, bem antes de ele começar a falar, eles já recebem mensagens não verbais negativas ou positivas de fatores gerais como: postura (enquanto o pregador está sentado, em pé na plataforma ou caminhando para o

púlpito), vestuário e movimentos corporais. Fatores visíveis mais específicos que influenciam a resposta do auditório e a interação pregador-ouvinte são: gestos, contato visual, expressão facial, envolvimento pessoal, entusiasmo e o chamado ‘medo da plataforma’ ou ansiedade situacional” (*Pregação Poderosa*, p. 79).

Essa compreensão sobre a importância dos elementos não verbais na pregação foi também expressa por Ellen G. White: “Nossas palavras, atos, comportamento e vestuário, tudo deve pregar. Não somente com as palavras devemos falar ao povo, mas tudo quanto diz respeito a nossa pessoa deve constituir para eles um sermão, para que corretas impressões possam ser criadas e que a verdade pregada seja por eles levada a seus lares. Assim, nossa fé se manifestará em uma luz melhor à comunidade” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 618).

O que as pesquisas indicam é que a mensagem, através da comunicação

interpessoal (como no caso de uma pregação) é transferida nas seguintes proporções: apenas 7% através do que você fala (é o chamado *conteúdo verbal*); 38% depende de como você fala (ou seja, do *conteúdo vocal*: tom de voz, velocidade, ritmo, volume e entonação); e 55% da comunicação ocorre através dos *elementos não verbais*: gestos, expressões faciais, postura, movimentação, aparência e a maneira de se vestir do orador.

MELHORE SUA COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

Como se viu no parágrafo acima, os gestos e todos os demais elementos não verbais vão tornar suas palavras e mensagens visíveis aos ouvintes de forma concreta, facilitando a interpretação



© Thaur Images/Fotolia

e a retenção indelével do seu sermão. Isso, se não estiverem transmitindo ideias diferentes ou opostas às que você está enunciando.

Algumas sugestões para melhorar sua comunicação pelo auxílio dos recursos não verbais são:

1. Quando se levantar para pregar, espere um momento silenciosamente, em espírito de oração, sem fechar os olhos. Olhe para as pessoas amavelmente e, quando estiverem atentas, comece seu sermão, sem chamar a atenção para si mesmo.

2. Adote uma atitude simpática para com a congregação. Pregue com entusiasmo, vibração. Mantenha o aspecto, ação e atitude de portador de boas novas. Saiba você que a palavra *entusiasmo* nasceu de uma interessante frase em grego (*en theos asmenos*) que significa “alegremente no Senhor”? É assim que você deve pregar.

3. Durante o sermão, nunca deixe de olhar para seus ouvintes se quiser que eles fiquem olhando para você. Os olhos de quem está no púlpito falam sempre, eficaz ou ineficazmente.

4. Sempre que possível, as mãos devem estar livres para gesticular, de forma natural e sincronizada com o assunto

em questão. Alguns gestos prejudicam a interação com a congregação, por exemplo: os braços acima da cabeça, os gestos repetitivos e exagerados sem relação com a mensagem falada. Tudo isso só provoca cansaço e desinteresse pelo sermão. Para que os gestos tenham uma proporção adequada devem ser feitos dentro de um espaço que vai da cintura até os olhos do pregador, sem se expandirem demais lateralmente.

5. As pernas dão sustentação ao corpo e podem, dependendo do posicionamento, tornar a postura um elemento positivo na sua comunicação ou ser um fator tão desfavorável a ponto mesmo de destruir toda a sua apresentação. Para o melhor equilíbrio e uma postura elegante os pés deverão ficar afastados, um do outro, cerca de 20 centímetros, e se um estiver um pouco à frente do outro o equilíbrio será ainda maior.

6. O orador não deve se comportar como uma estátua. Ele tem que se movimentar, mas a movimentação precisa ter um objetivo: melhorar a participação junto aos ouvintes, ou provocar a aproximação para facilitar o trabalho de convencimento, ou para chamar a atenção,

ou despertar o interesse de um determinado segmento da congregação.

7. Os gestos também devem funcionar como veículos transportadores dos seus pensamentos. Cada gesto deve corresponder a uma ideia predominante. Mude de postura, não só para repouso dos músculos, mas principalmente para indicar transição de pensamento, sublinhando quando disser algo de importante. No púlpito, todo e qualquer movimento, ou ausência de movimentação do corpo, deve ter significado.

8. A aparência do pregador também pode contribuir, positiva ou negativamente, para a comunicação da mensagem. Nesse sentido, a maneira de se vestir, de pentear os cabelos, o colarinho abotoado e bem fechado, o nó da gravata, algum abuso nas cores ou padronagem dos tecidos, tudo pode ajudar ou atrapalhar. E olha que uma gravata torta fica roubando a atenção que o pregador está tentando conseguir do seu auditório a duras penas! Em resumo: seja discreto e sóbrio, usando roupas adequadas ao ambiente onde está se apresentando.

Obviamente, os gestos, a eloquência ou aparência do pregador não corrigem um sermão mal preparado ou sem conteúdo, mas é indubitável que podem ajudar ou atrapalhar a transmissão de uma mensagem poderosa e profundamente significativa.

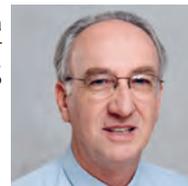
É verdade que cada pregador tem uma personalidade, a qual transparece na sua maneira de pregar. No entanto, todos podem aprender ou corrigir algo em seus modos, sem que se tornem artificiais, para desempenhar com graça e poder a missão de portadores da mensagem da salvação. – *Márcio Dias Guarda* (marcio.dg@uol.com.br). ■

O QUE DEVE SER EVITADO

1. Mexer na gravata.
2. Brincar com chaveiros, canetas e relógio.
3. Girar a aliança; torcer o botão do paletó.
4. Ajeitar os cabelos; coçar as orelhas, cabeça ou nariz.
5. Esconder a boca.
6. Roer unhas; estalar os dedos.
7. Deixar os braços cruzados; colocar as mãos para trás ou nos bolsos.
8. Manter as duas mãos agarradas à cintura.
9. Colocar e tirar os óculos a todo momento.
10. Segurar o microfone com as duas mãos.
11. Apoiar-se sobre a mesa, a cadeira ou o púlpito.

Márcio Dias Guarda

Pastor jubilado.
Reside em Tatuí, SP



William de Moraes

Tema central do sermônário

Orientações importantes do Espírito de Profecia para os pregadores

Os tópicos apresentados a seguir são de grande importância para você, líder espiritual, que tem a pregação como uma das atribuições de seu trabalho em sua igreja. Trata-se de conselhos, orientações e recomendações indispensáveis no ofício da pregação.

Jesus Cristo, o grande centro de atração. “A mensagem do terceiro anjo exige a apresentação do sábado do quarto mandamento, e esta verdade deve ser apresentada ao mundo; mas o grande centro de atração, Jesus Cristo, não deve ser deixado fora da mensagem do terceiro anjo. O pecador precisa olhar sempre para o Calvário, e com a fé simples de uma criancinha, confiar nos méritos de Cristo, aceitando Sua justiça e crendo em Sua misericórdia. Os que trabalham na causa da verdade devem apresentar a justiça de Cristo.”

Exalte a Cristo. “Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assunto aos Céus, Cristo vindo outra vez, deve abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro de tal forma, que apresente estas verdades ao povo com amor e profundo zelo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado. Exalte a Jesus, você que ensina o povo, exalte-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que todas as suas forças se unam para dirigir ao ‘Cordeiro de Deus’ pessoas confusas, desencaminhadas, perdidas. Exalte-O, ao ressuscitado Salvador, e diga a todos quantos ouvem: Vá Àquele que ‘vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós’ (Ef 5:2). Seja a ciência

da salvação o tema central de todo sermão, de todo hino. Seja manifestado em toda súplica. Não introduza em suas pregações coisa alguma que seja em suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. Mantenha perante o povo a Palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependido e a fortaleza de todo crente. Revele o caminho da paz à alma aflita e desanimada, e manifeste a graça e suficiência do Salvador.”

Em cada discurso. “Há mais pessoas do que pensamos ansiando por encontrar o caminho para Cristo. Os que pregam a última mensagem de misericórdia, devem ter em mente que Cristo tem de ser exaltado como o refúgio do pecador. Alguns ministros pensam não ser necessário pregar arrependimento e fé; julgam que seus ouvintes se acham relacionados com o evangelho, e que devem ser apresentados assuntos de diferente natureza, a fim de lhes prender a atenção. Muitas pessoas, no entanto, são lamentavelmente ignorantes quanto ao plano da salvação; precisam mais de instrução quanto a esse tema todo-importante, do que sobre qualquer outro.

São essenciais discursos teóricos, para que o povo veja a cadeia da verdade, elo após elo, ligando-se num todo perfeito; mas nunca se deve pregar um sermão sem apresentar a Cristo, e Ele crucificado, como a base do evangelho. Os ministros alcançariam mais corações, se salientassem mais a piedade prática.”

Pregando a Cristo por experiência. “Cada mensageiro deve sentir-se no dever de apresentar a plenitude de Cristo. Se não é apresentado o dom gratuito da justiça de Cristo, os discursos são áridos e sem vigor; as ovelhas e os cordeiros não são alimentados. Disse Paulo: ‘A minha palavra, e a minha pregação, não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder.’ [...] Introduza a Cristo em cada sermão. Faça com que a preciosidade, a misericórdia e a glória de Jesus Cristo sejam contempladas até que Cristo, a esperança da glória, seja formado no homem interior. [...] Ajuntemos o que a nossa própria experiência nos revelou ser a preciosidade de Cristo, e o apresentemos a outros como uma preciosa gema que fulgura e brilha. Assim será o pecador atraído a quem é representado como Chefe entre dez mil e totalmente desejável. A cruz do Calvário é para nós um penhor de vida eterna. A fé em Cristo significa tudo para o crente sincero. Os méritos de Jesus apagam as transgressões, e cobrem-nos com as vestes da justiça tecidas no tear do Céu. A coroa da vida é-nos apresentada como a honra a ser conferida no fim da luta. Estas preciosas verdades devem ser manifestadas em caracteres vivos.” [...]

De maneira clara, simples. “Precisamos os ministros ter um modo mais claro e simples de apresentar a verdade como

é em Jesus. Sua própria mente precisa compreender mais plenamente o grande plano da salvação. Podem, então, conduzir a mente dos ouvintes, das coisas terrestres para as espirituais e eternas. Há muitas pessoas que querem saber o que fazer para ser salvas. Querem uma explicação simples e clara dos passos indispensáveis para a conversão e nenhum sermão deve ser feito sem que nele se contenha uma porção especialmente destinada a esclarecer o caminho pelo qual os pecadores podem atingir a Cristo para se salvarem. Devem encaminhá-los a Cristo, como o fez João e, com comovedora simplicidade, estando-lhes o coração a arder com o amor de Cristo, devem dizer: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.” Veementes e fervorosos apelos devem ser feitos ao pecador para que se arrependa e se converta.”

A verdade como é em Jesus. “Ensine as simples lições dadas por Cristo.

Conte a história de Sua vida de abnegação e sacrifício, Sua humilhação e morte, ressurreição e ascensão, Sua intercessão pelos pecadores nas cortes do Alto. Há, em todas as congregações pessoas sobre quem o Espírito do Senhor Se está movendo; ajude-as a compreender o que é a verdade; reparta com elas o pão da vida; chame sua atenção para as questões vitais. Há muitas vezes advogando o erro; que a sua defesa a verdade. Apresente assuntos que sejam como verdes pastos para as ovelhas do rebanho de Deus. Não leve seus ouvintes a regiões agrestes, onde não se encontrarão mais próximos da fonte da água viva do que estavam antes de ouvir você. Apresente a verdade como é em Jesus, tornando claras as exigências da lei e do evangelho. Apresente a Cristo, o caminho, a verdade e a vida, e fale do Seu poder de salvar a todos quantos a Ele se chegam. O Capitão de nossa salvação está intercedendo por Seu povo, não como um suplicante que quer mover a compaixão do Pai, mas como vencedor que reivindica os troféus da Sua vitória. Ele é capaz de salvar perfeitamente a todos quantos por intermédio dEle se aproximam de Deus. Torne bem claro este fato.” [...]

A cruz como fundamento de todo discurso. “O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim

de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Apresento perante vocês o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção – o Filho de Deus erguido na cruz. Isto tem de ser o fundamento de todo discurso feito por nossos ministros.” [...]

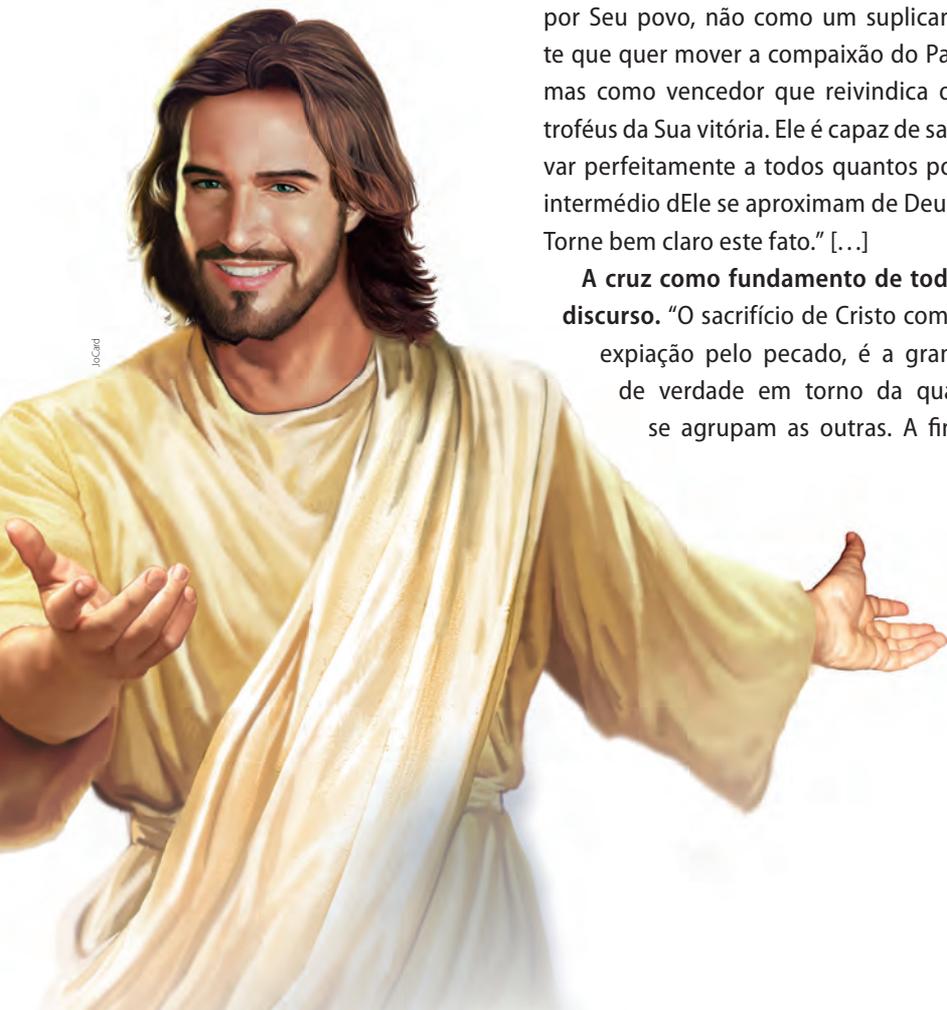
Alguns escutam o último sermão. “Deus quer desviar a mente da convicção da lógica para uma convicção mais profunda, elevada, pura e gloriosa. Muitas vezes a lógica humana tem quase extinguido a luz que Deus quer fazer brilhar em claros raios, para convencer os homens de que o Senhor da natureza é digno de todo o louvor e glória, porque é o Criador de todas as coisas.

Alguns ministros erram em tornar seus sermões inteiramente argumentativos. Pessoas há que escutam a teoria da verdade, e são impressionadas com as provas apresentadas; então, se Cristo é apresentado como Salvador do mundo, a semente lançada pode brotar e dar frutos para a glória de Deus. Mas frequentemente a cruz do Calvário não é apresentada perante o povo. Alguns talvez estejam escutando o último sermão que lhes será dado ouvir, e, perdida a oportunidade áurea, está perdida para sempre. Se, juntamente com a teoria da verdade, Cristo e Seu amor redentor houvessem sido proclamados, esses poderiam ter sido atraídos para o Seu lado.” ■

Texto extraído e adaptado do livro *Evangelismo*, p. 184-190; 193.

Ellen G. White

Autora de vários livros



Você na Revista do Anciã

A *Revista do Anciã* é um periódico trimestral publicado pela Divisão Sul-Americana em parceria com a Casa Publicadora Brasileira. Tem como objetivo principal capacitar os anciãos a cumprir seu papel como líderes espirituais e orientá-los como trabalhar em harmonia com os procedimentos administrativos da igreja.

Seu conteúdo é de caráter prático para o dia a dia do ancião em sua igreja local. Com relação aos artigos e matérias, ela segue a filosofia editorial apresentada pelo Espírito de Profecia: “São necessários artigos que apresentem diante dos leitores uma visão abrangente da nossa crença [...] devem ser publicados artigos que vão direto ao ponto, definindo nossa

posição de maneira clara e correta” (Ellen G. White, *O Outro Poder*, p. 70).

Caro ancião, essa revista foi criada para auxiliar você em suas atividades na igreja. Portanto, você tem a oportunidade de participar, enviando-nos sua matéria. Ao ser publicada, sua matéria, certamente, será de grande motivação para o ancionato da igreja em toda a América do sul. ■

ÁREAS DE INTERESSE



- ❖ Discipulado.
- ❖ Crescimento espiritual dos líderes.
- ❖ Reavivamento espiritual.
- ❖ Crescimento de igreja.
- ❖ Relacionamentos (familiares, eclesiásticos, pessoais).
- ❖ Administração (reuniões de comissão, decisões eclesiásticas, finanças da igreja, finanças pessoais).
- ❖ Evangelismo (projetos missionários, classes bíblicas, visitação, seminários, séries evangelísticas).
- ❖ Pregação (esboço de sermões, falar em público, recursos tecnológicos).
- ❖ Questões teológicas.

ORIENTAÇÕES DOS EDITORES



- ❖ Para matérias de uma página são necessários cerca de 3.500 caracteres com espaço. Fonte Arial 12, espaço 1,5; duas páginas (7.000) e três páginas, cerca de 9.500.
- ❖ No caso dos esboços de sermões, são necessários, no máximo, 5.000 a 5.200 caracteres com espaço.
- ❖ As matérias devem ser enviadas para um dos e-mails a seguir: revista.anciao@cpb.com.br ou ministerial.dsa@adventistas.org
- ❖ Ao escrever uma matéria, envie também uma foto de perfil digitalizada tamanho 3 x 4 com boa resolução.
- ❖ Com relação aos prazos para a chegada das matérias, veja o quadro abaixo:



Edições	Datas-limite
1ª do ano (janeiro-março)	10 de setembro do ano anterior.
2ª do ano (abril-junho)	10 de dezembro do ano anterior.
3ª do ano (julho-setembro)	10 de março do ano corrente.
Última do ano (outubro-dezembro)	10 de junho do ano corrente.
1ª do ano seguinte	10 de setembro do ano corrente.

Aos pés do Mestre

Líderes que mantêm comunhão com Deus têm a assistência do Céu em suas atividades

As epístolas de Paulo a Timóteo constituem um verdadeiro Manual de Orientação para os líderes da igreja. Nelas, o apóstolo aborda questões doutrinárias, principalmente em defesa da sã doutrina (1Tm 1:1-7), da vida cristã (2Tm 1:6-14; 2:22-26), das qualificações

dos líderes espirituais (1Tm 3:1-13), de profecias (2Tm 3:1-5) e outras.

Como conselheiro de Timóteo, Paulo escreveu: “Tem cuidado de ti mesmo e

da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1Tm 4:16). Implicitamente, com estas palavras, o apóstolo deixa transparecer para o pastor Timóteo que o cuidado da própria vida espiritual antecede o



cuidado da igreja. Além disso, o conselho de Paulo pressupõe a necessidade de vigilância sobre a vida espiritual. No caso dos líderes (pastores, anciãos e outros), mais ainda, pois eles estão à frente do rebanho.

Quando viajamos de avião, recebemos muitas orientações da equipe de bordo, entre elas, a de que, em caso de emergência, máscaras de oxigênio cairão automaticamente, e que a pessoa deverá primeiro colocá-la em si mesma e depois auxiliar alguém que esteja próximo. Aparentemente, essa atitude é egoísta, mas não. É exatamente por proceder dessa maneira que ela estará em condições de não apenas socorrer, mas também salvar outra pessoa.

O conselho de Paulo a Timóteo parece seguir esse procedimento. E, há razões importantes para isso.

NECESSIDADE DE COMUNHÃO

A vida moderna impõe um ritmo de atividades sobre as pessoas que as impede de priorizar aquilo que é essencial. Numa velocidade espantosa, elas correm em busca das coisas materiais sem se darem conta de que a vida não deve ser vivida com base apenas naquilo que é temporal.

Líderes e membros da igreja, muitas vezes, negligenciam a comunhão. Consequentemente, a vida espiritual se torna débil. Ellen G. White escreveu: “Muitos assistem a serviços religiosos, e são refrigerados pela Palavra de Deus; mas, devido à negligência da meditação, vigilância e orações, perdem a bênção, sentindo-se mais vazios do que antes de a receberem” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 83).

Comunhão implica andar com Deus. A narrativa bíblica relata histórias de homens e mulheres do passado que tiveram essa experiência (ver Gn 5:24; 6:9; Lc 1:5, 6). Tais pessoas enfrentaram lutas e provas, mas o poder de Deus, por meio

de sua comunhão espiritual, as fez superar os desafios.

A comunhão com Deus é fator imprescindível no desempenho das atividades espirituais pelos líderes da igreja. Pastores e anciãos, bem como oficiais da igreja, devem, em seu dia a dia, separar tempo para momentos de devoção a Deus.

RAZÕES FUNDAMENTAIS

Como líderes de igreja, necessitamos ter consciência de que somos seres frágeis e vulneráveis. O contexto que nos cerca é o grande conflito; a luta milenar. À igreja de Éfeso, Paulo escreveu: “Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6:12). Por natureza, somos inclinados à prática do pecado (ver Sl 51:5), e isso deve fazer com que estejamos em alerta.

Quando Pedro prometeu lealdade a Cristo, mesmo em face da morte (ver Lc 22:33), ele não tinha consciência de sua fragilidade e, logo depois, diante de uma criada, cumpriu a predição de Cristo (ver Lc 22:34, 54-62). Ou seja, por três vezes, ele negou o Mestre.

De fato, a história de Pedro é uma advertência para nós, líderes da igreja de Deus nesses últimos dias. Para que haja liderança espiritual eficaz é necessário ter comunhão com Deus.

Cristo é o exemplo de uma vida de comunhão. “Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava” (Mc 1:35). Falando de Cristo, Ellen G. White afirma: “Precisava retirar-se de uma vida de incessante atividade e contato com as necessidades humanas, para buscar o sossego e ininterrupta comunhão com o Pai. Como uma pessoa identificada conosco, participante de nossas enfermidades e fraquezas, dependia inteiramente de Deus, e no lugar

oculto de oração buscava força divina, a fim de poder sair escudado para o dever e a provação. Num mundo de pecado, Jesus suportou lutas e torturas de alma. Em comunhão com Deus, podia aliviar as dores que O esmagavam. Ali encontrava conforto e alegria” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 363).

Uma segunda razão para uma vida devocional adequada é a natureza da função que você exerce na igreja. Prezado ancião, suas atividades na igreja são de natureza espiritual. O estar à frente de uma comunidade cristã implica comunhão e relacionamento diários com Deus. Voltando ao exemplo de Jesus, “o alvorecer frequentemente O encontrava em qualquer lugar retirado, meditando, examinando as Escrituras, ou em oração. Dessas horas quietas voltava para casa, a fim de retomar Seus deveres e dar exemplos de paciente labor” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 90).

Em suas atividades, o ancião lida com as pessoas em suas necessidades e problemas. Isso demanda tato, sabedoria, equilíbrio emocional e conhecimento das Escrituras. E, evidentemente, tudo isso é consequência de uma vida de comunhão com Deus.

Uma terceira razão para uma vida devocional adequada é a necessidade do testemunho cristão. Quando a igreja apostólica nomeou o diaconato, foram escolhidos “sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (Atos 6:3). Estas qualificações são apresentadas detalhadamente nas recomendações de Paulo a Timóteo no contexto dos anciãos (bispos) e diáconos (ver 1Tm 3:1-13). Os líderes representam a igreja na comunidade em que vivem. A avaliação que os descrentes fazem da igreja reside no conhecimento que eles têm de seus líderes e de seus membros. Paulo falou que somos uma carta lida por todos (ver 2Co 3:2).

MÉTODOS E FERRAMENTAS DEVOCIONAIS

O *Guia Para Ministros* traz algumas sugestões de métodos devocionais. Embora tenham sido recomendados para pastores, eles se aplicam muito bem ao ancião. Até porque, “na ausência do pastor, os anciãos são os líderes espirituais da igreja e por preceito e exemplo devem procurar conduzi-la a uma experiência cristã mais profunda e completa” (*Manual da Igreja*, p. 74).

Leitura da Bíblia. A fonte primária de reflexão espiritual para o ancião é a Palavra de Deus. Entretanto, ela não deve ser lida apenas para o preparo de sermões, mas, principalmente, como alimento espiritual. “Tomem a Bíblia como seu livro de estudo. Cristo roga a Seu povo que creia e ponha em prática Sua palavra. Os que recebem e assimilam esta Palavra, introduzindo-a em cada ação que praticam, em cada atributo de caráter, se tornarão fortes no poder de Deus. Será visto que sua fé é de origem celeste” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 309). O ancião que busca as orientações da Bíblia dá evidências diante de sua igreja que mantém comunhão com o Céu. Isto vai se refletir em sua vida familiar, em sua pregação, em suas visitas pastorais, nas reuniões da comissão, etc.

Oração. Um dos textos bíblicos mais impressionantes sobre a vida de oração de Jesus é Mateus 14:23: “E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá estava Ele, só.” A comunhão de Cristo com o Pai envolvia períodos de oração. Muitas vezes, Ele passou noites inteiras em oração (ver Lc 6:12). Sem oração, o ministério do ancião em sua igreja é infrutífero. Sammy Tippit escreveu: “O pecado da ausência da oração é a prova para um cristão comum, e mesmo para um ministro, de que a vida de Deus na alma está seriamente enferma e fraca” (*O Fator Oração*, p. 18). Lembre-se o ancião de que lida com

pessoas. E as diferenças que predominam entre elas requerem sabedoria para ajudá-las no convívio com a igreja. É na sala de audiência com Deus que o ancião será qualificado pelo Espírito Santo para exercer liderança espiritual.

Leitura dos livros do Espírito de Profecia. A Bíblia é nossa única regra de fé e prática. E é por isso que, como igreja, cremos na inspiração de Ellen G. White. O ministério profético da serva do Senhor teve respaldo bíblico (ver Ap 10:11; 12:17; 19:10). Sua produção literária é fruto da inspiração divina. Portanto, prezado ancião, faça um planejamento de leitura desses conselhos e orientações que Deus revelou a Ellen G. White para a igreja remanescente. Quantos conselhos para os líderes da igreja nós encontramos nesses livros!

Devocionais. A igreja tem produzido bons materiais. Anualmente, é lançado o livro das Meditações Diárias; a cada trimestre, a Lição da Escola Sabatina; para os dez dias de oração e jejum, apostilas e revistas são preparadas para a reflexão espiritual da igreja nesse período; e outros materiais. Deus tem orientado Sua igreja nessa produção literária, a fim de nutrir a vida espiritual de Seu povo. “As publicações expedidas de nossas casas publicadoras devem preparar um povo para encontrar-se com Deus” (Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 140).

Prezado ancião, não há dúvidas de que o conselho de Paulo a Timóteo, “tem cuidado de ti mesmo e da doutrina” (1Tm 4:16), é válido ainda hoje. Líderes que mantêm comunhão com Deus têm o respaldo do Céu em suas atividades na igreja e, principalmente, na família.

Seja um deles. ■

Nerivan Silva

Editor na Casa
Publicadora
Brasileira



William de Moraes



CAMINHO A CRISTO

HÁ 125 ANOS TRANSFORMANDO VIDAS



NOVO
FORMATO &
ILUSTRADO

Agora com um lindo
box comemorativo
para você adquirir e
presentear

“Se nos voltarmos para Deus tal como somos, convencidos do nosso desamparo e dependência; se, com humildade e confiante fé, levarmos nossas necessidades Àquele cujo conhecimento é infinito, [...] Ele atenderá nosso clamor e fará com que Sua luz brilhe em nosso coração” (p. 96)

Ellen G. White

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

SMS - Envie a mensagem CPBLIGA para o número 28908

f i t y
/casapublicadora

O perigo de porfiar com Deus

Jó 9:1-10

INTRODUÇÃO

1. Jó 9:4-6.
2. Qual é o significado da palavra “porfiar”? Significa: contender, disputar obstinadamente, teimar.
- a) Essa é uma questão intrigante do livro de Jó, no capítulo 9. Vocês podem esquecer tudo o que vou falar, mas não esqueçam a primeira frase desse texto. Leia, sublinhem: “Quem porfiou com Deus e teve paz?”
- b) A sugestão do texto é surpreendente, alarmante, assombrosa: indica que, se o homem porfiar com Deus é para sua própria ruína.

I – COMO PODEM AS PESSOAS PORFIAR COM DEUS?

1. *Acariciando algum pecado.* O pecado é algo monstruoso que se apodera da vida. Quanto mais permitimos que o pecado se apodere de nós, mais imobilizados ficamos.
Ex.: Bebida alcoólica. O dia em que alguém toma o primeiro gole: a mão trema, olha para os lados e bebe. É o primeiro passo; depois torna-se um alcoólico.
- a) O pecado faz isso. Se você não cuidar, ele o corromperá e o destruirá.
- b) le o cativa de tal forma que você não mais consegue ouvir a voz de Deus. Envolvidos num pecado, podemos muitas vezes estar porfiando com Deus.
2. *Pensando que podem se salvar sozinhos.* A confiança de que alguém pode se salvar por si mesmo endurece o coração de muitas pessoas.
- a) Muitos confiam no poder próprio, no dinheiro, na posição. Muitos sentem o apelo dramático de Deus chamando, tocando seu coração, mas confiam demais nas coisas desta vida.
- b) Pode alguém ser salvo sem a ajuda de Deus? Se alguém pudesse se salvar sozinho, o Filho de Deus não teria descido do Céu para sofrer a morte humilhante da cruz.
- c) Se um pecador pudesse se salvar

graças à sua cultura, educação ou fortuna, então a cruz seria um erro. Cristo veio ao mundo porque o homem não pode salvar a si mesmo. Ele disse: “Eu sou o caminho, e a verdade” (Jo 14:6; ver também Atos 4:12).

3. *Apontando as faltas dos professos cristãos e não vivendo segundo a fé que professam.* Há pessoas que vivem constantemente tentando descobrir as faltas alheias e assim endurecem o próprio coração ao apelo divino.
- a) Pense comigo: Existe em nossas igrejas gente que não pratica o que professa? Possivelmente sim. Há cristãos maus e hipócritas? É provável que sim. Mas o que tem isso que ver? Pensemos sensatamente: Você jogaria fora todo seu dinheiro porque existem pessoas fazendo dinheiro falso? Ou jogaria fora dinheiro verdadeiro porque anda circulando dinheiro falso? Você jogaria a fruta boa por achar uma fruta podre na caixa que comprou?
- b) Pense: Você jogará fora sua salvação, porque alguém perto de você não vive a vida cristã como deveria vivê-la?
- c) Deus está chamando nossa atenção com estas palavras solenes: “Não podemos nos desculpar nas faltas dos outros para deixar de responder ao apelo divino.”
- d) Não demore para responder ao convite divino. Dizem que a demora é o ladrão do tempo. Mas é pior que isso. Acho que ela é o ladrão da salvação eterna. A demora rouba a esperança da vida e a paz.
- e) Existem homens e mulheres que reconhecem que estão mal com Deus. Reconhecem que algo está errado em sua vida. Sentem necessidade de se acertarem. Expressam o desejo de serem salvos, mas acrescentam: “Espero que algum dia, um dia não muito distante, eu venha tomar minha decisão.”

II – QUEM PORFIU COM DEUS E TEVE PAZ?

1. Vou ler novamente o texto inicial:

“Quem porfiou com Deus e teve paz?”

- a) Você conhece alguém que tenha porfiado com Deus e teve paz? A palavra “paz” é dotada de certo mistério. Para alcançar a paz, os homens pesquisam, gastam dinheiro, vão ao psicanalista.
 - b) Pode existir paz verdadeira e duradoura se resistirmos a Deus e à salvação que Ele oferece?
2. Caim teve paz, depois que matou seu irmão? Não. Andou como um pária rumo a um bosque, em desespero. O rei Saul teve paz? Teve sucesso Balaão? Ananias e Safira tiveram paz? Teve paz Judas, que durante três anos sentiu o apelo de Cristo, mas acabou vendendo seu Mestre por 30 moedas de prata?
 3. Você conhece algum indivíduo que tenha porfiado com Deus e teve paz?
 - a) Um dos homens mais ricos do Oeste dos Estados Unidos, estando à beira da morte, chamou o filho, e segurando sua mão disse:
 - ✓ – Filho, você tem na mão a mão do maior fracassado do Oeste.
 - ✓ – Não pai – disse o filho – seu nome é capaz de fazer tremer o mundo dos negócios em todo o Oeste.”
 - ✓ – “É verdade, filho, mas tenho vivido como se este mundo fosse tudo e agora estou morrendo sem estar pronto e tudo é escuro. Sou o maior fracassado porque tenho vivido só para este mundo.”

CONCLUSÃO

1. Não pode haver paz para o homem que porfia com Deus. Não importa seu poder, sua cultura, sua fama ou seu dinheiro.
2. Lembrem-se disto: Quando se perde a luta pela salvação espiritual, perde-se tudo.
Existem lutas que podem ser recuperadas, mas não a luta da vida que se perdeu. Portanto, a pergunta é: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16:26).
3. Portanto, não endureça o seu coração. Deus o está chamando, batendo à porta do seu coração.

O ato de perdoar

Gênesis 45:4-8

INTRODUÇÃO

1. Qual é sua reação ao ser ofendido ou prejudicado injustamente por alguém? Corta o relacionamento? Mantém as aparências para retribuir no momento certo?
2. Consideremos o seguinte:
 - a) Como o ressentimento e as mágoas podem nos levar a descumprir os planos de Deus para a nossa vida?
 - b) Como a confiança em Deus e o perdão ao próximo podem transformar o mal em bem e nos habilitar para cumprir o plano que Deus tem para nossa vida?
3. Ler Gênesis. 45:5, 7, 8.

I – PLANO DE CONSERVAÇÃO DA VIDA

1. José foi vendido como escravo para mercadores que iam para o Egito.
2. Por que os irmãos de José fizeram isso?
 - a) A preferência que Jacó demonstrou por José em relação aos outros filhos, somada aos sonhos que ele contava, despertou neles sentimentos de ciúme, inveja e ódio.
3. Qual foi a reação de José?
 - a) Procurava não lembrar a maldade de seus irmãos, mas esquecia-se de suas tristezas procurando aliviar as tristezas de outros. (ver Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 218).
4. José foi condenado e preso como criminoso.
 - a) Ele perseverou com fé e paciência. Seus anos de serviço fiel foram pagos da maneira mais cruel. Todavia, isso não o tornou moroso ou desconfiado (Ibid., p. 218).
 - b) Certamente, ele sabia que a decepção causa desânimo e o constante pensar no mal consome as energias que deveriam ser postas ao serviço do bem.
 - c) Aparentemente, parecia que Deus havia esquecido de José, mas ele continuava confiante no livramento divino.
 - d) A confiança de José nas provisões de Deus para sua vida o ajudaram a ver o plano de Deus como livramento de sua família.

II – PLANO DE UM GRANDE LIVRAMENTO

1. O plano de Deus para livramento da família de Jacó e todo o Egito implicaria

medo, vergonha e constrangimento para os irmãos de José.

2. A solução de Deus para a família de Jacó sacudiu a consciência culpada dos irmãos de José.
3. Diante do governador do Egito, temiam a prisão do irmão mais novo, e imaginavam o mal contra eles.
4. Ouviram o homem esbravejando e mandando todos saírem da sua casa; somente eles deveriam permanecer. Ficou um suspense no ar, à medida que todos saíam da casa. Por certo, perguntaram no íntimo: “O que este homem pretende fazer conosco?”
5. José se voltou para eles e disse: “Eu sou José; vive ainda meu pai”? (Gn 45:3). “Agora, chegai-vos a mim” (verso 4). Diz o restante do verso 3 que eles não puderam responder porque ficaram atemorizados.
6. Deus não somente teve um plano de livramento da fome, mas também um meio para poupar os filhos de Jacó da retribuição do mal cometido contra José.
7. Porém, foram inevitáveis o constrangimento e a vergonha de contar ao pai o que fizeram a José, e que ele vivia como o governador do Egito.
8. Medo, desconfiança e remorso foram os sentimentos que perseguiram os filhos de Jacó por toda a vida (Gn 50:15-18).
9. Deus é poderoso para transformar em bem o mal que os inimigos realizam contra nós (ler Gn 50:20).
10. As lições que José aprendeu com o sofrimento, a oportunidade de aprendizado no trabalho da casa de Potifar e no cárcere, o habilitaram para ser um bom governador.

III – ESSES PLANOS EM NOSSA VIDA

1. Agora vem a pergunta: Como os planos de Deus podem se cumprir também em nossa vida?
 - a) Gênesis 45:9 pode responder: “Apressai-vos, subi a meu pai” foram as palavras de José a seus irmãos.
2. No passado, os irmãos de José haviam relatado a Jacó a morte de José como fatalidade. Desta vez, deveriam levar o verdadeiro relato do que tinha acontecido com o irmão, dizendo que ele estava vivo. O que nunca haviam

acreditado tornou-se realidade: José era o governador do Egito, conforme os sonhos de sua infância.

3. A última parte do verso 9 complementa: “Desce a mim, não te demores.” A ordem era para que seus irmãos retornassem com Jacó até ele.
5. Jesus também nos convida: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei” (Mt 11:28).
 - a) Ir a Jesus significa renunciar à raiva, ressentimento, mágoa e inveja para que Ele coloque novos sentimentos e virtudes de Seu caráter em nosso coração. Só assim teremos em casa, na igreja e na vizinhança a felicidade e a paz que tanto anelamos.
 - b) Com Cristo, teremos condições para vencer os males, não com vingança ou revanchismo, mas Deus nos capacitará a cumprir Sua vontade em nossa vida.

CONCLUSÃO

1. Prezado irmão, não permita que a mente siga o livre curso das maldades que os outros lhe causaram.
2. Vigie seu coração. Suplique o auxílio de Cristo. Não abrigue a inveja, o ciúme, o ressentimento e o desejo de vingança. Essas coisas podem impulsioná-lo a fazer algo que poderá constrangê-lo no futuro.
3. Em vez de pensar a respeito do mal que os outros lhe causaram, pense no bem que você poderá realizar a muitas pessoas.
4. Participe de alguma atividade que promova bem ao próximo: visite doentes, ajude famílias carentes, dê estudos bíblicos. Dedicar tempo para confortar pessoas aflitas, traz alegria e paz ao coração.
5. Assim como Deus transformou o mal na vida de José em bênção, Ele fará o mesmo em sua vida.
6. Persevere na conquista de elevados ideais. Não se desanime com os obstáculos que surgem. Deus estará sempre ao seu lado até o dia em que subiremos ao Céu para viver eternamente com o querido Jesus.

Reones Alves Nunes

é diretor do Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Associação Mineira Norte

“Negue-se a si mesmo”

Mateus 16:21-25

INTRODUÇÃO

1. Como seres humanos, todos diferimos em muitas coisas: temperamento, interesses, preferências, perspectivas em relação à vida, personalidade...

a) Porém, em meio a essa variedade, existe algo comum a todos nós: o selo pela preservação do eu.

b) Independentemente de nossas origens, herança genética, faixa etária, religião professada, essa é a marca universal que alguns até chamam de “o lado escuro da humanidade”: a febre do Eu primeiro.

2. Essa filosofia de vida traz embutida a crença de que a detenção de poder, posse de fama ou dinheiro são instrumentos que medem o sucesso de alguém. E o nosso mundo a celebra com entusiasmo. Ela está presente no mundo *fashion*, esportivo, político, no mundo dos negócios, nas decisões tomadas pelos poderosos, nem sempre fundamentadas em valores dignos ou no verdadeiro senso de justiça. Também se encontra nas perguntas que fazemos, “O que vou ganhar com isso?” “Que lucrarei?” “Como serei visto?”

3. A mensagem é clara: não abra mão de ser o primeiro. Defenda seus interesses, sem restrições. Assim, a nutrição do egoísmo não é apenas tolerada, mas ativamente promovida e encorajada.

I – NOÇÃO PERDIDA

1. No vendaval de mudanças e transformações experimentadas pela sociedade, uma palavra parece ter sido atingida em cheio: *serviço*. Numa época em que as pessoas pensam mais em si mesmas, essa palavra tem virtualmente desaparecido do vocabulário de muitos.

a) Por isso, aplaudimos como raridade impensável pequenos gestos e iniciativas de beneficiar alguém. O gesto de uma pessoa fazer chegar ao seu verdadeiro dono um objeto encontrado na estação do metrô ou no banheiro de algum aeroporto é recebido com extrema surpresa!...

b) Temos sido ensinados insistentemente que a vida se resume nisto: mais e o melhor para mim. Que importa o resto?

c) Precisamos despertar para o potencial destrutivo da mentalidade “eu primeiro”. Precisamos compreender que não podem ser esquecidas as coisas que tornam a vida realmente importante: valores, fraternidade, unidade, disposição em servir, solidariedade, doação, entrega.

II – A LÓGICA DIVINA

1. Não nos surpreende que Jesus tenha gastado tempo e esforço para ensinar aos discípulos um novo caminho de vida. Ele tentou reverter na mente deles a linguagem comumente usada: Em vez de “meu”, “nosso”; “dar” antes de “receber”; “servir” em substituição do “ser servido”.

a) Mas os discípulos nem sempre demonstravam compreender. Para eles, com suas perspectivas e expectativas nacionalistas, nada disso parecia lógico.

2. No texto de Mateus, Cristo tinha acabado de lhes falar que deveria sofrer e morrer. Pedro, no entanto, O repreendeu, dizendo-Lhe que isso jamais aconteceria. Em sua mente, tal curso de ação representava desperdício de sabedoria, vida e autoridade. Depois de tudo, para onde iriam as expectativas (interesses) deles? O sonho da destituição do sistema governamental vigente e estabelecimento de um reino em que eles ocupassem os primeiros lugares? Não, isso não tinha que terminar em pó, na sepultura.

a) A reação de Cristo surpreendeu Pedro. O Mestre reconheceu o inimigo manipulando o pensamento e as palavras do Seu inconstante discípulo. Durante todo o tempo, Ele havia tentado ensinar que a atitude do “eu primeiro” não era o melhor estilo de vida.

b) Noutra ocasião, chegou a esclarecer a diferença entre o modo de ser dos líderes mundanos e o verdadeiro sentido do Seu reino (Mt 20:25-28).

3. Toda a Sua vida foi uma demonstração

de amor, altruísmo e serviço. Sua morte seria o último exemplo de amor e doação a outros.

a) Mas Pedro e os demais, assim como nós, tinham o foco direcionado para o “eu primeiro”. Todos estavam enfeitados pelo sistema de valores, poder, promoção e privilégios do mundo.

III – MORTE DO EU

1. A atitude de Pedro demonstra a obstinação e nocividade da mentalidade “eu primeiro”. Não é algo como uma virose passageira, um desajuste psicológico, ou simples traço de herança genética. Por isso mesmo, não pode ser erradicada com antibióticos nem seções de psicanálise.

a) Esse é um mal profundamente arraigado no coração e, a menos que seja tomada medida radical, ele drenará a plenitude de nossa vida e nos custará a eternidade.

b) A única medida radical que funciona nesse caso é a morte. Morte do eu. A mentalidade “eu primeiro” deve ser crucificada. Pois, “se alguém quer vir após Mim, a si mesmo se negue...”

2. Nesse ponto, deparamo-nos com um paradoxo magnífico: essa morte, essa renúncia de nós mesmos, finalmente nos leva a experimentar justamente o que mais desejamos e procuramos pelo atalho movediço do “eu primeiro”: profunda, plena e absoluta realização pessoal. Afinal, “quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por Minha causa, achá-la-á”.

CONCLUSÃO

1. Se temos seguido o modelo humano de sempre buscar a satisfação do eu, passemos a permitir que Deus reverta nossos interesses.

a) Certamente, nossa vida terá outro significado, nossos frutos serão outros e estaremos mais identificados com o caráter do Salvador.

Zinaldo Santos

Pastor jubilado. Reside em Tatuí, SP

Pela graça de Deus

1 Coríntios 15:10

INTRODUÇÃO

1. Graça – Uma palavra de enorme amplitude. Não foi inventada pelos apóstolos. Na época em que o Novo Testamento foi escrito, este termo apresentava uma variedade de significados.
- a) O Novo Testamento parece dar com frequência um significado especial à *graça*, que não se encontra em outros escritos. Esta palavra aparece 150 vezes no Novo Testamento. Somente o apóstolo Paulo a menciona cem vezes em suas epístolas.

I – O SIGNIFICADO DO TERMO “GRAÇA”

1. Graça como beleza ou atrativos.
 - a) O livro de Provérbios, capítulo 1:8, 9 diz que a instrução e doutrina dos pais são como “Diadema de graça...”.
2. Graça como beleza na linguagem.
 - a) Um cântico de casamento registrado em Salmo 45:2 diz: “... nos teus lábios se extravasou a graça...”.
 - b) Nas palavras de Jesus: os ouvintes estavam maravilhados com as “palavras de graça que saíam da Sua boca” (Lc 4:22).
 - c) Graça é aplicada à linguagem em palavras de bondade e amabilidade (Cl 4:6).
3. Graça como boa vontade e favor.
 - a) Atos 7:10 – No seu último discurso, Estêvão apresenta o personagem José, filho de Jacó, que mesmo preso no Egito por intermédio de Deus alcançou graça e sabedoria perante Faraó.
 - b) Em Atos 2:47 afirma que os apóstolos após o pentecostes pregavam e louvavam ao Senhor alcançando a graça ou caindo na graça de todo o povo.
 - c) Em Lucas 2:40: Jesus... “O Menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria e a graça de Deus estava sobre Ele.”
 - d) Concluímos que a palavra *graça* entre outros significados é aplicada para: boa vontade, bondade, favor, amabilidade, atrativos ou beleza, dom, presente...
 - e) Porém, o significado mais eloquente e sublime da palavra *graça* está aplicado ao relacionamento de Deus para com o homem.

4. Graça aplicada à salvação.

- a) O tema da salvação pela graça é de vital importância para Paulo. Em seus escritos esta é a ênfase: o amor transformador, abarcante, para salvar pecadores.
- b) A graça não só compreende a misericórdia e boa vontade de Deus para salvar, mas também o poder de Jesus restaurador e transformador para salvar.
- c) A notícia dessa graça revelada em Jesus é denominada por Paulo em Romanos 1:16 como “o poder de Deus para a Salvação”.
- d) Assim, evangelho e graça são quase sinônimos, dentro do plano da salvação.
- e) Nos escritos de Ellen G. White encontramos estes pensamentos:
 - ✓ “O único poder capaz de criar ou perpetuar a verdadeira paz (entre o homem e Deus) é a graça de Cristo. Quando esta for implantada no coração, expelirá as más paixões” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 305).
 - ✓ “É a graça que Cristo implanta na alma, que cria no homem a inimizade contra Satanás. Sem essa graça que converte, e esse poder renovador, o homem continuaria cativo de Satanás” (*O Grande Conflito*, p. 506).

II – A GRAÇA NA VIDA DE PAULO

1. A melhor maneira de avaliar a graça na vida de Paulo é contrastando sua experiência antes e depois da graça.
2. Ele antes: (Fp 3:4-8) “Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro... eu ainda mais...” *Entre outras vantagens ele era da tribo de Benjamim* – Quem foi Benjamim?
 - a) Filho da esposa favorita de Jacó. Dos filhos de Jacó, foi o único que nasceu na terra prometida. A tribo de Benjamim resistiu aos abusos das culturas pagãs. De sua tribo surgiu o primeiro rei de Israel: Saul. O nome Saulo foi-lhe dado em homenagem a Saul.
 - b) “Portanto não era coisa de somente importância pertencer à tribo de Benjamim. Era como pertencer a uma nação dentro de uma nação, ter um orgulho dentro de um outro orgulho, como ser um judeu de judeus,

selecionado dentre os seletos” (Russel Champlim).

- c) Ele se enquadrava no conceito judaico de justiça: *Quanto à justiça que há na lei, fui irrepreensível* – **umentava méritos:** visitando enfermos e dando esmolas, observando as leis; **diminuíam culpas:** jejuando, orando, penitências.
- d) Paulo tinha motivos de sobra para orgulhar-se de seu currículo. Suas vantagens de nascimento e educação eram muitas. *Mas... o lucro tornou-se perda, por causa de Cristo.*
 - ✓ Agora, Paulo declara: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e Sua graça que me foi concedida não se tornou vã. Antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1Co 15:10).

CONCLUSÃO

O que este texto nos ensina?

1. A graça de Cristo deu significado à sua vida.
 - a) Paulo descobriu sua vocação e missão.
 - b) Quantos vivem sem metas, sem objetivos, sem vocação?
 - c) Thomas Carlyle escreveu: “Bem aventurado aquele que descobriu sua verdadeira vocação, ele não deve procurar outra bênção, pois encontrou o supremo ideal de sua existência.”
2. A Graça não foi sem efeito.
 - a) Quantos vivem na mediocridade usufruindo resultados aquém de seu potencial?
 - b) Quantos temem diante de tarefas difíceis, gerando indecisão e fracasso?
 - c) A graça impeliu Paulo a trabalhar (“kopiao” em grego) com alegria, pois essa palavra era usada para definir o alegre orgulho do artesão habilidoso.
 - d) Paulo não se esquivou dos desafios – trabalhou arduamente.
 - e) Quantas lutas, quantas provações, quantas vitórias, conversões e igrejas fundadas.
 - f) Na vida de Paulo a graça produziu resultados.
3. O que a graça de Deus está fazendo em sua vida?

Almir M. Marroni

é diretor de publicações na Associação Geral

A ressurreição da igreja missional

A igreja que não evangeliza se fossiliza

Jeca Tatu, famoso personagem criado pelo escritor Monteiro Lobato, era um caboclo que morava no mato, em uma casa simples. Viviu na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia.

Passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo para fazer coisa alguma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejáúva, mas não plantava sequer um pé de couve atrás da sua casa. De vez em quando, pescava uns lambaris ou algum outro peixe. Assim ia vivendo.



Era uma pena ver sua miséria. Porém, os que passavam por ali murmuravam:

– Que grandíssimo preguiçoso!

Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. De vez em quando, ele plantava uma rocinha de milho, outra de feijão, algumas abóboras, criava algumas poucas galinhas e mais nada. Mas os animais precisavam cavar seu alimento, porque Jeca não lhes dava. Assim, as galinhas punham poucos ovos.

Será que sua igreja reflete essa história? Infelizmente, ela retrata a realidade de muitas congregações, com seus membros vivendo uma inércia missionária. Às vezes, ouvimos que “a igreja do passado é que era missionária!”. O comodismo é resistente a mudanças. Porém, é necessário mudar as estratégias. Segundo Thom Rainer, o declínio de uma igreja não é um evento e sim um processo. Uma igreja que não se identifica com a missão está fadada ao sepultamento.

A RESSURREIÇÃO

Uma das maneiras de fazer uma igreja reviver é envolvê-la na missão em sua comunidade. Há igrejas que se preocupam somente com reformas, música, liturgia, reuniões sem propósito e outras questões. O “Ide” de Cristo é muito claro e enfático. Precisamos de igrejas que sejam relevantes em suas comunidades. A missão faz com que a igreja saia do conformismo e seja mais atuante. O pastor Rick Warren menciona que o sucesso de uma igreja não é medido pelo número de pessoas que a frequentam, mas pelo número das que se envolvem na missão.

O VIVER MISSIONAL

O termo “missional” descreve o estilo de vida do cristão que adota a postura, a mente e o comportamento de um missionário a fim de alcançar outras pessoas com a mensagem do evangelho.

O uso do termo ganhou popularidade no fim do século 20, com Tim Keller, Ed Stetzer, Alan Hirsch, Frost Michael, Darrel Guder e outros.

Alguém já disse que nosso maior desafio missionário não está além-mar, mas do outro lado da rua. Viver *missionalmente* é viver à luz da história de Deus e da missão de levar Sua salvação aos perdidos. Mark Driscoll afirma que “é imperativo que os cristãos imitem a Jesus, vivendo livremente em sua cultura como missionários fiéis ao Pai e Seu evangelho, da mesma maneira como Cristo viveu em Seu tempo e lugar.”¹

MARCAS DE UMA VIDA MISSIONAL

A seguir, apresentamos alguns itens que podem ajudar a avaliar o viver missional:

Relacionar. É necessário construir relacionamentos sólidos com as pessoas que O Espírito de Deus nos leva a

alcançar. Para Leornad Sweet, ser missional não é um programa da igreja e sim um estilo de vida. Ele declara que os três segredos de uma igreja viva é: ser missional, relacional e encarnacional. Precisamos desesperadamente nos “envolver” com o mundo, mas não ser do mundo. Pensar que sua igreja existe somente para reservar um lugar no banco para você é esquecer a missão. A igreja existe para amar o mundo.

Algumas formas de construir relacionamentos sólidos:

- ❖ Abra sua casa e compartilhe seu estilo de vida com as pessoas próximas a você. Importe-se com elas.
- ❖ Envolve-se com as necessidades, preocupações e valores das pessoas, e compartilhe as atividades que elas apreciam. Aproveite esses momentos para desenvolver amizades sinceras.
- ❖ Convide as pessoas para as reuniões especiais da igreja, cultos e celebrações.



Conhecer. Todo cristão que é missionário deve aprender a fazer uma exegese da sua cultura, perceber seus valores e ideais, dominar seu idioma. Ao usar essas informações, a igreja missional terá êxito em alcançar as pessoas com o evangelho no contexto da cultura em que está inserida.

Servir. N. T. Wright diz: “A Igreja é chamada para fazer a obra de Cristo, ser o meio de sua ação *no* e *para* o mundo [...] Deus pretende colocar o mundo em ordem. [...] Ele dramaticamente lançou esse projeto por meio de Jesus, e os que pertencem ao Salvador são chamados no poder do Espírito para ser agentes desse efeito estabelecendo a ordem.”²

Nossas ações sociais podem alcançar o coração onde a mensagem ou a música não teriam acesso. Ellen G. White nos exorta a demonstrar amor genuíno para com nosso próximo. Ela afirmou que é nosso dever alimentar o faminto, vestir o nu, confortar o aflito e o sofredor. Ajudar aos desalentados e levar esperança aos destituídos dela.³

Precisamos encontrar maneiras de aliviar as necessidades das pessoas por meio de ações diretas na comunidade. Exemplos simples como trabalhar com moradores de rua, manter a limpeza de parques e praças públicas, pintar casas, coleta de lixo seletivo, combate a epidemias, campanhas de doação de sangue, mutirão de natal e outros.

Pregar. Deus tem uma missão que vai além das portas da igreja, inclui o reino eterno. Hunsberger defende a ideia de que a igreja não é um fim em si mesma. Ele declara que o “reino nunca deve ser separado dAquele que reina”.⁴

É necessário pregar o evangelho prestando auxílio aos que dependem de ajuda nos hospitais, asilos, casas de repouso, e aos oprimidos e desamparados. Apresentar o evangelho demonstrando perdão, amor e oportunidade de reconciliação com Deus. Contagiar

outros por meio do testemunho de vida das pessoas que Deus tem chamado.

IGREJA EM MISSÃO

Toda igreja deveria ser uma instituição missional, um posto avançado de evangelização, uma equipe de missionários enviada aos bairros da cidade onde está inserida. Allan Hirsch menciona que a igreja missional é uma comunidade do povo de Deus que define e organiza sua vida em torno do real propósito de ser uma agência de salvação. A igreja em si mesma não é produto da missão, ela é destinada a estender a missão através de todos os meios possíveis. A missão flui diretamente de cada crente e comunidade que aceitou verdadeiramente a Cristo. Obstruí-la é bloquear os propósitos divinos para Seu povo.⁵

Está sua igreja inserida em uma comunidade que ainda tem pessoas que não conhecem Jesus? Como você acha que os membros deveriam gastar seu tempo, seus recursos e talentos para alcançá-las? N. T. Wright assim expressa nosso dever: “A igreja existe, em outras palavras, para o que, às vezes, chamamos de ‘missão’: anunciar ao mundo que Jesus é o seu Senhor.”⁶

A realidade é que, ainda que estejamos vivendo na mesma quadra em que crescemos, quando conhecemos Jesus nos tornamos cidadãos do Reino de Deus, chamados para cumprir a missão no lugar em que vivemos. George Peters destaca que “se o ser humano deve ser alcançado, ele precisa ser alcançado dentro de sua própria cultura”.⁷ Foi com o objetivo de “encarnar” o evangelho que Jesus Se tornou homem e veio à Terra.

Quando pensamos e agimos como agentes missionais a serviço do evangelho, nosso estilo de vida começa a impactar e transformar a comunidade na qual vivemos. Tornamo-nos mais intencionais na maneira como gastamos o tempo com as pessoas que precisam ser alcançadas e mais estratégicos na utilização dos nossos recursos e talentos. Ao buscar

a direção do Espírito Santo para interagir com as pessoas em nossa comunidade, nos tornamos alunos de sua cultura.

Cada igreja deve estabelecer seu plano de envolvimento na missão, incentivando a construção de relacionamentos duradouros, conhecendo, servindo e pregando aos que precisam ser alcançados. Darrel Guder declara que “a missão não é somente um programa da igreja. Ela define a igreja como pessoas enviadas da parte Deus. Ou somos definidos pela missão, ou reduzimos o alcance do evangelho e do mandato da igreja. Portanto, nosso desafio é passar de igreja com uma missão para igreja missional”.⁸

Assim como na estória inicial, algumas igrejas vivem como o Jeca Tatu: têm grande potencial para explorar seu arredor, mas ficam esperando “a vida passar”, trancadas em seus quintais. Quem conhece a estória, sabe que o Jeca mudou suas atitudes.

A igreja tem sob sua responsabilidade uma tarefa divina que até os anjos gostariam de realizar. David Bosch afirma que “existe missão porque Deus ama as pessoas”.⁹ Todos fomos chamados para viver *missionalmente* por Cristo. ■

Referências:

1. Mark Driscoll, *The Radical Reformission* (Grand Rapids: Zondervan, 2004), p. 40.
2. N. T. WRIGHT, *Simply Christian* (New York: Harper Colins, 2006), p. 204.
3. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 105, 106.
4. George Hunsberger, “Called and Sent to Represent the Reign of God”, Missional Church, Darrel Guder, ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 94.
5. Alan Hirsch, *The Forgotten Ways: reactivating the church* (Michigan: Brazos Press, 2006), p. 82.
6. N. T. WRIGHT, *Simply Christian* (New York: Harper Colins, 2006), p. 204.
7. George Peters, *A Biblical Theology of Missions* (Chicago: Moody Press, 1972), p. 163.
8. Darrel Guder, *The Missional Church: a vision for the sending of the church in North America* (Grand Rapids: Eerdmans, 1998), p. 6.
9. J. David Bosch, *Missão Transformadora: mudanças e paradigma na teologia da missão*, 3ª ed. (São Leopoldo: Sinodal, 2009), p. 470.

Everaldo Carlos

Pastor distrital em Francisco Morato, APL São Paulo, SP



Cedida pelo autor

Preparo para a cerimônia batismal

Fator indispensável para a permanência dos novos conversos na fé



Um dos períodos mais importantes do desenvolvimento cristão é o tempo em que os novos convertidos passam se preparando para o batismo. O batismo é o símbolo de entrada na família da igreja de Deus. “Portanto, fomos sepultados com Ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6:4, NVI).

“O batismo simboliza a mais solene renúncia ao mundo. Os que ao iniciar a carreira cristã são batizados em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, declaram publicamente que renunciaram ao serviço de Satanás, e se tornaram membros da família real, filhos do Rei celestial.”¹

Aqueles que se preparam para o batismo necessitam de atenção e apoio. A pessoa bem instruída durante a classe batismal receberá base sólida para uma vida feliz e vitoriosa ao lado de Cristo.

PREPARANDO OS CANDIDATOS

Instrução. O tempo despendido na preparação para o batismo deve ser um tempo de instrução. Jesus pediu a Seus discípulos: “[...] vão e façam discípulos de todas as nações. [...] Ensinando-os a obedecer a tudo o que Eu lhes ordenei” (Mt 28:19, 20, NVI). A preparação para o batismo é o momento para se ensinar as verdades bíblicas aos candidatos. Os grandes temas da Palavra de Deus precisam ser claramente apresentados, e cada um deles deve ser ensinado de maneira simples para que os candidatos possam compreender sua importância e aceitá-los pela fé (At 8:30-38). Esses temas incluem:

- ❖ A grande controvérsia entre Cristo e Satanás
- ❖ O plano da salvação
- ❖ A encarnação
- ❖ A vida exemplar de Jesus
- ❖ A morte expiatória de Cristo
- ❖ Sua ressurreição e ministério sacerdotal no Céu
- ❖ As doutrinas distintivas da IASD

Devido às pesadas responsabilidades pastorais, o pastor nem sempre conseguirá estudar a Bíblia com cada interessado. Os anciãos e demais líderes, que possuem habilidades nessa área, podem ajudar seu pastor atendendo aos candidatos.

Desenvolvimento espiritual. No início de sua nova vida com Cristo, os recém-convertidos necessitam de amparo e orientação como filhos recém-nascidos na família de Deus. (At 2:37-41). A classe pós-batismal pode ser de grande ajuda nesse sentido. A seguir, apresentamos alguns temas que podem ser estudados:

- ❖ Arrependimento, confissão e perdão
- ❖ Aceitar a Cristo como Senhor e Salvador
- ❖ Como vencer as tentações
- ❖ Como desenvolver uma vida cristã vitoriosa
- ❖ Como fortalecer a fé e desenvolver um estilo de vida maduro na experiência cristã

Geralmente, nossas classes batismais se concentram somente em temas doutrinários, excluindo verdades práticas e essenciais. Na hora do batismo, a maioria dos candidatos tem um bom entendimento doutrinário e conhecimento de nossas crenças fundamentais. Porém, infelizmente, muitos são batizados sem compreender os fundamentos do plano da salvação e sem saber como viver o cristianismo na prática. Assim, não têm forças para resistir às tentações que lhes sobrevêm após o batismo. Aqueles que estão sendo preparados para o batismo devem ser conduzidos a Cristo e ensinados a aceitá-Lo como Senhor de sua vida. Jesus disse: “Mas Eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a Mim” (Jo 12:32, NIV). Os corações que foram tocados pelo amor divino aceitarão alegremente as exigências da nova fé que os

transformou. Seu desenvolvimento espiritual crescerá a partir do relacionamento diário com Cristo.

Tempo de preparação. Durante os primeiros meses da experiência cristã, aqueles que foram batizados devem ser treinados e preparados para os privilégios e responsabilidades de terem se tornado novos membros na igreja de Deus. Alguns assuntos que podem ser ministrados a eles, incluem:

- ❖ Comportamento cristão
- ❖ Procedimentos e organização da igreja
- ❖ Princípios e práticas da adoração
- ❖ Dízimos e ofertas
- ❖ Guarda do sábado
- ❖ Mordomia cristã
- ❖ Testemunho

Os recém-convertidos devem ser ajudados a descobrir seus dons e a empregá-los no cumprimento da missão da igreja.

Mudança social. Aqueles que são batizados muitas vezes são colocados sob pressão por familiares e amigos devido às mudanças em seu estilo de vida. Sua decisão é mal compreendida por aqueles que lhes eram mais próximos, e agora se opõem à sua conversão. Às vezes, sua decisão de seguir Jesus faz com que essas pessoas sejam rejeitadas. Devido a isso, elas podem passar por grande estresse.

Algumas pessoas deixam familiares e amigos em sua denominação anterior para se juntar a uma congregação adventista. Outras deixam seu emprego e terão que procurar outro que não exija trabalhar no sábado. Algumas pessoas precisam abandonar certas práticas que não são compatíveis com seu novo estilo de vida. Aqueles que preparam candidatos para o batismo devem estar conscientes de que essas mudanças de estilo de vida não ocorrem facilmente.

Quando as pessoas são chamadas a mudar suas crenças religiosas, abandonar

o emprego e abrir mão do apoio de amigos e familiares, sua vida passa por considerável tensão. Elas estão deixando para trás muito do que lhes era familiar e se comprometendo a assumir novo estilo de vida repleto de incertezas. À medida que você as leva a aceitar novas crenças e novo estilo de vida, e as ajuda a fazer novos amigos dentro da nova comunidade da igreja que abraçaram, você deverá apoiá-las de maneira especial durante esse processo de mudança. Incentive os membros da igreja a ser receptivos a essas novas pessoas. Elas precisam sentir que são bem-vindas e pertencem à sua congregação. Incentive os membros a fazer amizade com esses novos conversos. A integração social dessas pessoas é vital para seu crescimento espiritual e sua permanência na nova fé (ver Lc 11:24-26).

MÉTODOS DE INSTRUÇÃO

Na maior parte dos países do mundo, as pessoas são preparadas para o batismo através de uma série de estudos bíblicos que, geralmente, são ministrados em suas casas ou em uma classe batismal na igreja. Outras são instruídas por meio de cursos bíblicos por correspondência, conferências públicas ou estudos com leigos. Seja qual for o método utilizado, o conteúdo das lições deve incluir os principais ensinamentos e crenças de nossa igreja.

No entanto, é importante lembrar que é necessário mais do que somente o conhecimento de nossas crenças fundamentais para o batismo. Durante o tempo de instrução, deve haver várias ocasiões em que você, como instrutor, deverá conhecer mais particularmente cada candidato. Isso dará oportunidade para orar, avaliar as necessidades e a condição espiritual deles. Também dará a eles a oportunidade de fazer perguntas e compartilhar suas alegrias ou preocupações

com você. Certifique-se de que essas pessoas estão compreendendo plenamente o plano salvífico de Deus e a responsabilidade que terão ao se tornarem membros de Sua igreja.

“É necessário um preparo mais cuidadoso dos candidatos ao batismo. Eles têm necessidade de uma instrução mais conscienciosa do que em geral recebem. Os princípios da vida cristã devem ser claramente explicados aos recém-convertidos. [...]”

“O pastor da igreja tem obrigações em relação a eles. Talvez cultivem maus hábitos e práticas, cumprindo por isso ao pastor realizar reuniões especiais com eles. [...] Apresentem a eles o que a Bíblia diz sobre conversão. Mostrem-lhes o que é o fruto da conversão, a evidência de que amam realmente a Deus.”²

COMO SABER SE ESTÃO PREPARADOS?

Quando os candidatos estão prontos para o batismo, devem apresentar evidências de que:

- ❖ Jesus é o Senhor de sua vida (Mt 10:32; Rm10:9; 1Jo 4:15).
- ❖ Experimentaram arrependimento e conversão (At 2:38; 3:19).
- ❖ Confiam nos méritos de Cristo para a salvação (Mc 16:16).

- ❖ Mantêm relacionamento diário com Cristo.
- ❖ Completaram o curso bíblico e o estudo das doutrinas distintivas da igreja (Mt 28:20).
- ❖ Foram preparados para as responsabilidades de ser membros da igreja remanescente.
- ❖ Estão envolvidos na adoração e no testemunho da igreja.

Antes do dia da cerimônia, os candidatos devem ser visitados pelo pastor ou ancião para confirmar sua prontidão ao batismo. E, depois, devem ser submetidos à aprovação da comissão da igreja.

O batismo é uma experiência extremamente importante na vida daquele que irá se tornar um cristão. A preparação cuidadosa é vital para seu desenvolvimento e crescimento na fé. Cada lição, estudo bíblico e visita que essa pessoa recebe deve ser realizado de maneira especial a fim de que as melhores oportunidades sejam providas para fortalecê-la na caminhada cristã. ■

Referências:

1. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 91.
2. *Ibid.*, p. 91, 95.

Douglas E. Robertson

Professor de Teologia



Paulo e a lei

Considerações exegéticas sobre Romanos 6:14

Entre os diversos temas que se destacam em Romanos, a relação significativa entre “lei” e “graça” foi um dos mais estimados pelo apóstolo Paulo. No entanto, na história do cristianismo, essa correspondência se tornou, usando uma expressão popular, um “tabu” teológico. Por isso, no pensamento e na experiência de não poucos cristãos, a declaração do Salmo 85:10 é estranha e distante: “A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram” (ACF).

Ellen White não nos deixou no escuro quanto à identidade do autor último desse raciocínio: “O engano de Satanás é que a morte de Cristo introduziu a graça para tomar o lugar da lei.” Em uma espécie de paráfrase de Romanos 3:31, ela ainda acrescentou: “Essa preciosa graça oferecida aos homens por meio do sangue do Salvador estabelece a lei de Deus.”¹

DEBAIXO DA LEI OU DA GRAÇA?²

Quando lemos a declaração “não estais debaixo da lei, e sim da graça”, e ao nos familiarizarmos com o debate teológico que ela tem gerado, uma das questões que está por trás de toda discussão é o que Paulo quis dizer com o termo “lei” em Romanos 6:14. As respostas mais representativas são: (1) a lei de Moisés e; (2) a lei como princípio geral.

Contudo, independentemente da opção escolhida, ainda é necessário definir o que ela “conota”. Algumas propostas em relação ao que compreende “lei” em Romanos 6:14 são: (1) os termos “lei” e

“pecado” trabalham de modo complementar, afirmando que viver sob a lei é viver sob o poder do pecado (D. J. Moo, T. R. Schreiner); (2) Paulo se referiu à capacidade da lei para expor e condenar pecadores (C. E. B. Cranfield); (3) “lei” indica uma “distinção” entre judeus e gentios (J. D. G. Dunn); e (4) o uso de “lei” em Romanos 6:14 confirma o estado de escravidão dos seres humanos frente ao pecado (J. Murray). A partir de uma visão dicotômica entre “lei” (*nomos*) e “graça” (*charis*), alguns têm questionado a própria natureza da lei divina, colocando em dúvida sua validade no contexto da experiência cristã. Lendo com atenção, porém, é extremamente improvável que Paulo tivesse depreciado a lei que em outros lugares do mesmo documento ele exaltou e caracterizou como normativa (cf. 3:31; 7:12, 14, 22, 25; 8: 4 7; 13:8-10).³

Outros tentam esclarecer a questão observando que a frase traduzida como “não estais debaixo da lei”, em sua língua original, não tem o artigo definido antes da palavra “lei” (lit. “não estais debaixo de lei”). Entretanto, em grego *koiné*, quando não existe artigo indefinido, um substantivo sem artigo pode ser “indefinido”, “qualitativo” ou “definido”. Nesse caso, apesar das tentativas,⁴ a ausência ou a presença do artigo no uso paulino do termo não nos permite afirmar um princípio linguístico e interpretativo conclusivo.⁵ Por outro lado, um princípio semântico consensual entre os eruditos é que o uso de

nomos reflete a polivalência da expressão hebraica *torah*. Isso implica que “lei”, na literatura paulina, compreende uma variedade de nuances (Rm 7:7; 8:2; 1Co 14:21; Gl 4:21; 6:2). Desse modo, o contexto imediato do texto no qual se insere a palavra é o que determinará, em última instância, o significado dela.

Na primeira seção do v. 14, a partícula *gár* (“porque”) não só introduz o material explicativo, que aumenta ou apoia o que o precede, mas também conecta linguisticamente os versos 12 a 14. A oração continua com a expressão “terá domínio” (ACF), que traduz a força do futuro do indicativo *kyrieusei* (de *kurieuo*, “dominar”, “governar”). O termo tem sido traduzido de maneiras distintas em diversos idiomas: ora como futuro (indicativo), ora como presente (indicativo) e ainda na forma imperativa (simples).⁶

Apesar da falta de consenso das diferentes versões bíblicas e dos exegetas paulinos sobre as implicações hamartológicas de *kyrieusei* – uma “ordem” (J. A. Fitzmyer, B. M. Newman, E. A. Nida) ou uma “promessa” (T. R. Schreiner, F. Godet, L. Morris, J. Murray, D. J. Moo, J. D. G. Dunn)? – entendo que o contexto imediato (v. 12-14) e mais amplo (capítulos 5–8), com a dimensão qualitativa de *hamartia* e a natureza do futuro indicativo,⁷ permitem sugerir que o apóstolo não estava afirmando a “impecabilidade” dos cristãos, mas a possibilidade que eles têm de viver à altura da fé que professam.⁸

Como parece evidente, a intensidade refletida na fraseologia paulina conceitua uma atitude condescendente (*epithymia* [v. 12]) e servil (*hupakouo* [v. 12]) diante do pecado por meio das expressões sugestivas “reine” (*basileueto* [v. 12]) e “domínio” (*kyrieusei* [v. 14]). A proposta cristã, em sua manifestação teológica mais pura e elementar, procura restaurar a relação entre Deus e a humanidade. Isso significa abandonar uma “filosofia de vida” inclinada para o pecado (“instrumentos de iniquidade [*adikias*]” [v. 13]), e adotar uma “teologia de vida” (“instrumentos de justiça [*dikaioynēs*]” [v. 13]); ou seja, um estilo de vida que, superando a percepção mesquinha e limitada inerente ao ser humano, adote como base a Revelação. O enfoque paulino, de claro alcance existencial, pressupõe uma transformação comportamental do cristão (cf. 6:6, 16, 17,18, 19, 20, 22). Confessar que Jesus de Nazaré é o Messias inclui reconhecê-Lo como Salvador e Senhor (“o senhorio de Cristo”, cf. “Não [*mé*] reine... o pecado” [v. 12]; “Nem [*medé*] ofereçais... ao pecado” [v. 13]).

As fórmulas “debaixo da lei” (*hypo nómon*) e “debaixo da graça” (*hypo chárin*) (ACF), na segunda parte do v. 14, mostram a razão que sustenta a declaração do início do texto (note o uso de *gár* novamente). O pano de fundo teológico da expressão “debaixo da lei” emerge de um modelo salvífico centrado na lei (nomocêntrico), que reduz a experiência religiosa ao “fazer” (cf. Rm 3:20). Somado a isso, a estrutura sintática *hypo* + acusativo revela que a palavra “debaixo”, em nossas traduções modernas, envolve a ideia de “controle”. Alonso Schökel percebe, com sensibilidade inquestionável, essa peculiaridade linguística: “já que não vivem submetidos [*hypo nómon*] à lei” (Bíblia de Nuestro Pueblo).

Difícilmente se pode ignorar o forte contraste entre a impotência do homem

e a força do pecado, que termina enviando seus esforços para, assim, condená-lo ao desespero. A convicção do apóstolo se expressa em uma linguagem de escravidão e submissão que não “viti-miza” o homem, mas que o encontra em sua ignorância egocêntrica (“salvação pelas obras”). Em oposição, “debaixo da graça” aponta para o poder salvífico do sacrifício expiatório de Cristo. No conjunto do pensamento soteriológico de Paulo, a mensagem parte da macro-história (“conflito cósmico” [5:12-21]) para explicar a micro-história (“nossa vida” [6:12-14]).

Nesse contexto, o batismo é o ponto de inflexão por meio do qual o cristão aceita, e experimenta, a oferta divina (6:4).⁹ Somente pela graça e misericórdia de Deus, podemos exclamar como o apóstolo: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim” (Gl 2:20 [NVI]).

Com base no que foi dito até aqui, Romanos 6:14 é uma peça fundamental da teologia paulina do batismo (6:1-14). A singularidade do versículo 14 é que ele lança luz sobre a vida cotidiana dos que aceitaram em sua vida a intervenção salvífica e o senhorio de Cristo.

CONCLUSÃO

A frase “não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça” (ACF), permite-nos vislumbrar uma mensagem claramente cristocêntrica. O texto não discute a continuidade nem a descontinuidade de determinada “lei”, mas dá testemunho de uma hermenêutica cuja reflexão teológica gravita em torno da obra e da pessoa de Jesus. Como era de se esperar, as projeções não deixam nenhuma área da existência humana fora do quadro teórico e, sob a orientação divina, permitem que o homem veja um Deus tão transcendente quanto imanente.

Finalmente, é possível concluir que o tema e a grande contribuição de Romanos é manifestar de forma categórica nossa dependência vital de Jesus e Sua justiça, a fim de nos conscientizar de nossa inescapável, patética e autodestrutiva condição pecaminosa. ■

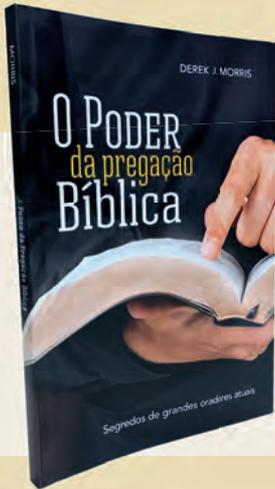
Referências

- 1 Ellen G. White, *Fé e Obras*, <egwwritings.org>, p. 26.
- 2 As referências ao texto grego do Novo Testamento correspondem ao *Novum Testamentum Graece*, eds. E. Nestlé, et al. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012).
- 3 Ver N. T. Wright, *Paul and the Faithfulness of God* (Minneapolis: Fortress Press, 2013), v.1, p. 513, nota 153.
- 4 Ver E. de Witt Burton, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Galatians* (New York: C. Scribner's sons, 1920), p. 447-460; S. Westerholm, “Torah, Nomos and Law”, em *Law in Religious Communities in the Roman Period: The Debate Over Torah and Nomos in Post-Biblical Judaism and Early Christianity* (Waterloo, Canadá: Wilfrid Laurier University Press, 1991), p. 45-56. Uma contribuição recente sobre a utilização do artigo em grego pode ser encontrada em R. D. Peters, *The Greek Article: A Functional Grammar of ó-items in the Greek New Testament with Special Emphasis on the Greek Article* (Leiden: E. J. Brill, 2014).
- 5 Cf. J. H. Moulton e N. Turner, *A Grammar of New Testament Greek*, Volume 3: Syntax (Edinburgh: T. & T. Clark, 1963), p. 177.
- 6 Encontramos o mesmo uso de *kurieuo* em uma inscrição de meados do século 2 d.C. (G. H. R. Horsley et al. eds., *New Documents Illustrating Early Christianity* [AHDRC, 5 vols.: Austrália: Macquarie University, 1981-1989], v. 2, p.105).
- 7 Acerca do futuro do indicativo ver F. Blass, A. Debrunner e R. W. Funk, *A Greek Grammar of the New Testament and other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago, 1961), p. 183; C. F. D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek* (Cambridge: Cambridge University Press, 1959), p. 10; S. E. Porter, *Idioms of the Greek New Testament* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999), p. 44; M. Zerwick, *El Griego del Nuevo Testamento* (Navarra: Verbo Divino, 2006), p. 125, 126. Embora tenha sido sugerida uma influência semítica, por vezes, a função do futuro do indicativo no Novo Testamento está alinhada com o grego clássico e helenístico. Ver F. Rodríguez Adrados, *Nueva Sintaxis del Griego Antiguo* (Madrid: Gredos, 1992), p. 469-471.
- 8 Os intérpretes reconhecem uma “tensão escatológica”. Ver, por exemplo, R. N. Longenecker, *The Epistle to the Romans: A Commentary on the Greek Text* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2015), p. 616.
- 9 “Fazendo do batismo o sinal de entrada para Seu reino espiritual, Cristo o estabeleceu como condição positiva à qual têm que atender os que desejam ser reconhecidos como estando sob a jurisdição do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, <egwwritings.org>, p. 91).

Leandro Velardo

Professor da Faculdade de Teologia da Universidad Adventista del Plata, Argentina





O Poder da Pregação Bíblica – Casa Publicadora Brasileira, 2016, 184 p.

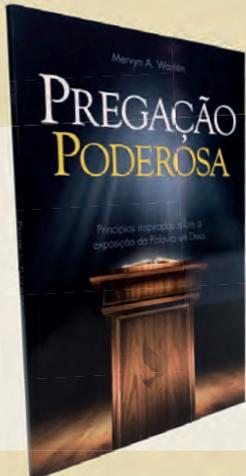
Sobre o autor

Derek J. Morris é pregador e professor de homilética. Durante alguns anos foi editor-chefe da revista *Ministry*. Atualmente, ele é o diretor do Hope Channel, nos Estados Unidos. Também é autor do livro *Oração Radical*, publicado pela Casa Publicadora Brasileira.

Desenvolva seu potencial

Deus quer que você seja um poderoso pregador da Palavra. Se você ainda está apreendendo a arte da pregação bíblica ou quer aperfeiçoar suas técnicas, esse livro será um valioso recurso. Obtenha sugestões práticas com base no ministério de pregação de Jesus. Descubra um processo de 12 passos para preparar e apresentar poderosos sermões bíblicos. Ouça o sábio conselho de mestres pregadores sobre vários aspectos do processo da pregação.

Se você ler este livro sozinho, separe algum tempo ao terminar cada capítulo para pensar sobre as perguntas de discussão e reflexão. Aplique o que aprendeu em seu próprio ministério de pregação. Você pode também preferir ler esse livro com um grupo de colegas. Essa interação com um pequeno grupo ampliará o que você aprendeu em cada capítulo.



Pregação Poderosa – Casa Publicadora Brasileira, 2013, 96 p.

Sobre o autor

Mervyn A. Warren é professor de oratória sacra na Universidade de Oakwood, nos Estados Unidos. Com frequência, tem sido convidado a pregar em várias igrejas dentro e fora dos Estados Unidos. Também é autor de várias obras.

Pregando com poder

A pregação é uma das atividades do ofício do ancionato. A cada sábado, no território da Divisão Sul-Americana, a maioria dos púlpitos das igrejas e congregações adventistas está sob os cuidados e coordenação dos anciãos. Boas-novas de salvação é o que Deus tem de melhor para oferecer à humanidade. Não deveríamos nós, pregadores, dar nosso melhor quando as apresentamos?

Você é pregador e, portanto, faz parte de seu ofício alimentar o rebanho com o pão espiritual. A fim de ajudar você a aperfeiçoar-se na arte da pregação, o Dr. Mervyn A. Warren preparou este livro marcante. Ele inclui uma extensa coleção de conselhos práticos de Ellen G. White sobre como desenvolver e apresentar um sermão poderoso. Certamente, você se sentirá inspirado e instruído por esses eternos princípios de pregação. ■

Parceria ministerial

Pastor e ancião devem ser colaboradores e não concorrentes

Como o pastor e o ancião podem fazer de seu ministério uma parceria e não uma competição? Salomão escreveu: “A humildade precede a honra” (Pv 15:33). E Paulo recomendou que devemos suportar a todos com humildade, mansidão e amor (ver Ef 4:2). Ele ainda acrescenta que nada devemos fazer por contenda e sim por humildade

(ver Fl 2:3). Porém, no cotidiano, pastor e ancião, se não forem vigilantes, mesmo sem perceber, podem criar um clima de competição na administração da igreja local, onde atuam como líderes espirituais.

Segundo o Dicionário Houaiss, competição é: “Concorrência a uma mesma pretensão por parte de duas ou mais

pessoas ou grupos, com vistas a igualar ou esperar superar o outro. Luta, conflito; oposição. Reivindicação simultânea do mesmo poder, a mesma dignidade ou título.”

De fato, a competição está intrínseca no ser humano desde o nascimento, fazendo parte da vida em todos os aspectos. Seja no lazer, no trabalho, na família



e, lamentavelmente, até mesmo na igreja. Por quê? Por natureza, o ser humano é altamente competidor. Podemos inferir disso que a competição está mais inserida no aspecto negativo da vida.

O pecado intensifica no ser humano o desejo de supremacia. Isto faz lembrar a postura de Lúcifer no Céu (ver Is 14:13, 14; Ez 28:14, 15). No relacionamento das pessoas, esse desejo se expressa na ânsia de vencer, de chegar primeiro e de estar acima do outro, até mesmo por coisas insignificantes. A competição cria um ambiente de muita hostilidade. David Sarnoff, empresário norte-americano do século 20, afirmou: “A competição desperta o que há de melhor nos produtos e o que há de pior nas pessoas.” Em meio a tudo isso, o ideal de servir é excluído do estilo de vida das pessoas e, lamentavelmente, também da igreja.

É necessário estabelecer metas, projetos e ações. Tudo isso tem sua importância e lugar em nossa vida e também na igreja. Para cumprir sua missão, a igreja necessita de planejamento de atividades. Ellen G. White escreveu: “Nossa obra está claramente esboçada na Palavra de Deus. Cristão tem de se achar unido a cristão, uma igreja a outra igreja, o agente humano cooperando com o divino, cada agente subordinado ao Espírito Santo, e todos unidos para dar ao mundo as boas-novas da graça de Deus” (*Serviço Cristão*, p. 14).

PARCERIA MINISTERIAL

“O pastor não deve sentir ser seu dever fazer todas as pregações e todos os trabalhos e todas as orações; cabe-lhe preparar auxiliares, em todas as igrejas” (Ibid., p. 69).

Nesse contexto, a parceria pastor-ancião é fundamental. Ambos devem ser conscientes de que, na igreja local, desenvolvem um ministério pastoral cujo objetivo é servir à igreja. A competição pelo poder, autoridade ou supremacia, ameaçam a eficácia dessa parceria.

O Novo Testamento traz alguns exemplos de uma obra missionária realizada em parceria. Mas um deles é extraordinário: João Batista. Quando seus discípulos lhe falaram que Jesus, numa aparente popularidade, era procurado pelas pessoas (ver Jo 3:26), ele lhes falou de seu papel nessa parceria (ver Jo 3:28).

Ao falar da obra do Messias, João Batista disse: “Convém que Ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:30). Esta declaração expressa em primeiro lugar a consciência do Batista de que Jesus era o Messias prometido e, portanto, estava acima dele pela natureza de Sua obra. Por outro lado, expressa sua consciência de que havia cumprido sua missão como precursor de Cristo.

Na igreja local, ancião e pastor devem ter a consciência de que um não é mais do que o outro, mas que juntos formam uma parceria ministerial no cuidado da igreja. “Se a Comissão Diretiva do Campo designa um ou mais pastores para uma congregação, o pastor titular será considerado o líder de maior autoridade e os anciãos, os seus assistentes. Uma vez que as funções deles estão estritamente relacionadas, devem trabalhar harmonicamente. [...] A obra pastoral da igreja deve ser compartilhada entre o pastor e os anciãos. Em acordo com o pastor, os anciãos devem visitar os membros, ministrar aos enfermos, promover ministérios de oração, providenciar ou dirigir cerimônias de unção de enfermos e dedicação de crianças, encorajar os desanimados e auxiliar em outras responsabilidades pastorais. Como subpastores, os anciãos devem exercer constante vigilância sobre o rebanho” (*Manual da Igreja*, p. 75, 76).

DIFERENÇAS

É natural que haja diferenças de ideias e opiniões quando duas ou mais pessoas estão envolvidas em algum projeto ou empreendimento. Nesse aspecto, algumas questões estão envolvidas:

temperamentos, personalidades e o estilo de cada pessoa. Obviamente, há pessoas com quem nos “afinamos” mais do que com outras pelas questões mencionadas há pouco. Na igreja, isso não é diferente. Mas é exatamente nesse aspecto que entra a eficácia da parceria pastor-ancião.

Deve-se ter o cuidado e o espírito de unidade, para que estas questões não interfiram na boa liderança que essa parceria pode proporcionar à igreja. E a igreja, naturalmente, é beneficiada com isso. Por isso, a humildade é o princípio básico de um relacionamento administrativo de sucesso. Isso implica parceria e não concorrência.

Quando, nessa parceria, predomina uma ou algumas diferenças que está influenciando negativamente este relacionamento administrativo, o melhor é que haja um diálogo, a fim de esclarecer pontos de vista e unificar ideias e conceitos, tendo em vista o bem-estar e a unidade da igreja. Nesse momento, alguns fatores são essenciais: humildade, transparência, espírito perdoador, disposição de rever ideias, conceitos e posturas.

Isto pode ser feito em ocasiões diversas, por exemplo: em um momento de lazer, em uma visita amigável, em uma caminhada, enfim, em muitas ocasiões. Uma igreja que acompanha seus líderes e percebe essa disposição de unidade apesar das diferenças sente-se segura e, o melhor, incentivada a seguir sua liderança. Ela verá que, nas atividades e projetos missionários, seus líderes são parceiros e não concorrentes. E mais: Eles têm em vista a entrada no Céu com sua igreja.

Pastor e ancião devem estar juntos como amigos e parceiros, devendo aprender um com outro. ■

Geraldo Magela Tostes

Secretário Ministerial
da União Sudeste
Brasileira



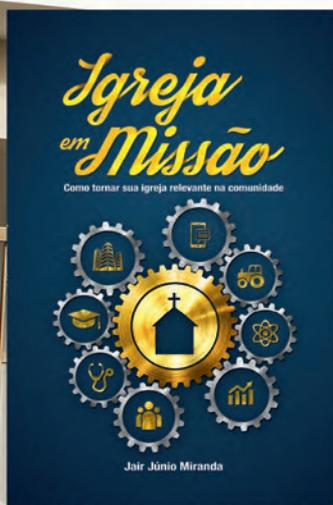
SUA IGREJA

um lugar para a

SUA MISSÃO

MKT CPB | William de Moraes

IGREJA
ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA



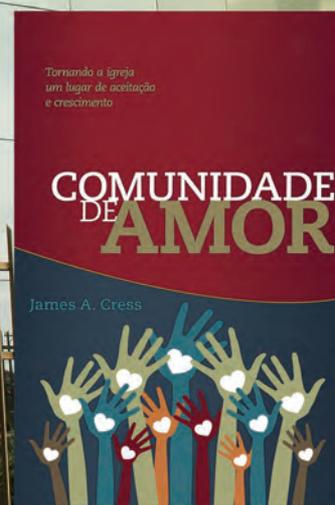
Igreja em
Missão

R\$ 26,00



Como Reavivar a
Igreja do Século 21

R\$ 24,20



Comunidade
de Amor

R\$ 32,80

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

SMS - Envie a mensagem CPBLIGA para o número 28908



/casapublicadora

Classe bíblica: fundamentos práticos

A Palavra de Deus apresentada em linguagem simples e clara

A classe bíblica é um dos métodos de evangelismo que a igreja tem usado durante décadas. Trata-se de uma classe de estudos da Bíblia cuja finalidade é doutrinar pessoas interessadas na verdade, conforme esta é apresentada nas Escrituras. Ela ocorre por meio de um estudo coletivo ministrado por um instrutor, e o doutrinamento gerado por este método de evangelismo tem como objetivo preparar discípulos e, conseqüentemente, batizá-los.

BREVE HISTÓRICO

No ano de 1855, Roswell F. Cottrell (1814–1892), um pioneiro do adventismo, publicou um livro que continha uma série de estudos bíblicos, que já havia sido usado como Lição da Escola Sabatina, chamado *The Bible Class* ou, em tradução simples, *A Classe Bíblica*, que serviu como um guia para as igrejas adventistas durante muitos anos (R. W. Schwarz, *Portadores de Luz*, p. 78).

No entanto, uma hipótese provável para o desenvolvimento do conceito de classe bíblica dentro da igreja adventista, é a herança do metodismo. É importante notar que o conceito atual de unidades da Escola Sabatina parte da ideia de uma classe bíblica interna, ou seja, direcionada mais especificamente para a igreja. Na América do Sul, uma definição mais vigente para o formato e o

objetivo da classe bíblica gira em torno da formação de um discípulo, e também da posterior transformação deste em um discipulador.

PARA BOM FUNCIONAMENTO

Quando se pensa em implantar uma classe bíblica, é necessário considerar alguns elementos para que ela funcione bem:

1. Pessoas interessadas: juvenis, jovens ou adultos que tenham disposição para se reunir periodicamente.
2. Um instrutor que tenha amor pelos seus alunos, sendo também um bom conhecedor das Escrituras.
3. Um local adequado.
4. Um programa de visitaçao nos lares dos alunos.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Nesse método de evangelismo, cada igreja precisa dispor de materiais básicos. São eles:

1. Bíblia Sagrada.
2. Lições de um curso bíblico.
3. Recursos audiovisuais.
4. Caderno de chamada.

LEITURAS SUGESTIVAS NO PREPARO DO INSTRUTOR

Tempo para o preparo do instrutor é fator importante para a eficácia de uma classe bíblica. Seguem algumas

sugestões de leituras e ferramentas para a habilitação do professor:

1. *Bíblia de Estudo Andrews*: Esta é a melhor Bíblia de estudo para um entendimento historicista do texto sob o contexto do grande conflito.

2. *Nisto Cremos*: Este livro contém uma descrição pormenorizada das 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que são desdobramentos das seis doutrinas basilares.

3. *Dicionário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*: Esta obra se destaca pelo seu historicismo no contexto bíblico, sendo também relevante por suas características linguísticas e arqueológicas.

4. *Portadores de Luz*: Talvez este livro seja a mais completa pesquisa referente à história da Igreja Adventista do Sétimo Dia em âmbito mundial.

5. *Compreendendo as Escrituras*: Esta obra fornece um sistema de princípios de interpretação com o objetivo de garantir a integridade da Palavra de Deus ao ser estudada e transmitida.

6. *Obreiros Evangélicos, Serviço Cristão e Evangelismo*: os três livros, de autoria de Ellen G. White, são manuais práticos, simples e objetivos para a condução do trabalho evangelístico em várias frentes.

7. *Mensageira do Senhor*: Esta é uma pesquisa extensiva sobre o ministério profético de Ellen G. White, que responde a perguntas importantes sobre a relação entre seus escritos e a Bíblia.

HABILIDADES E CARACTERÍSTICAS DO INSTRUTOR

Quem está à frente de uma classe bíblica como instrutor necessita ter algumas características e habilidades para que se tenha êxito no evangelizar as pessoas. Vejamos algumas delas:

1. Conhecimento das doutrinas fundamentais da igreja.
2. Amor pelos alunos. Isso implica orar por eles.
3. Conhecimentos dos alunos em seus aspectos psicológicos.
4. Habilidade para lidar com pessoas.
5. Habilidade para o ensino.
6. Paixão pela Bíblia.
7. Entusiasmo.

8. Pontualidade.
9. Organização.
10. Perseverança.

Analisando todas essas características, a pessoa de Cristo é a referência. Sua obra era apresentar a verdade, dando profundidade às Escrituras. Seu modo de apresentá-las encantava os doutores e beneficiava os iletrados. “Até os pagãos entendiam que havia uma mensagem para eles” (Ellen G. White, *O Libertador*, p. 142).

ASPECTOS DIDÁTICOS

Na tarefa de evangelizar as pessoas, a forma como as abordamos e as conduzimos às verdades espirituais é fator importante. Vejamos:

1. O tema deve ser apresentado de forma simples e adequado à capacidade de compreensão dos alunos.
2. É necessário entusiasmo, para que o aluno tenha interesse pelo tema.
3. Ilustrações devem ser utilizadas. Estas não precisam ser sofisticadas, mas devem ser espirituais e profundas.
4. Os alunos devem ficar à vontade para fazer perguntas.

5. Cada aula deve ser acompanhada de um apelo, para que o aluno pratique a nova verdade que aprendeu.
6. A aula não deve ser prolongada. Estudo prolongado desmotiva os alunos.

QUEM SÃO OS ALUNOS?

Juvenis, jovens e adultos compõem a unidade básica da classe bíblica. Dentro desse contexto, alguns dos alunos em potencial são:

1. Familiares dos membros.
2. Amigos que visitam a Igreja. Desde os que aceitam o apelo nos batismos aos visitantes da Escola Sabatina e das outras reuniões da igreja.
3. Interessados dos programas de rádio e TV.
4. Alunos das filiais da Escola Sabatina.

ONDE ENCONTRAR INTERESSADOS?

O coordenador de interessados é peça-chave para o encontro e organização dos alunos. A sugestão é que este tenha uma equipe sob sua liderança para cadastrar e coordenar interessados nos seguintes departamentos e eventos:

1. ASA.
2. Pequenos grupos.
3. Duplas missionárias.
4. Evangelismo pessoal.
5. Evangelismo da Semana Santa.
6. Evangelismo público.
7. Escola Adventista: pais e alunos.
8. Escola Cristã de Férias.
9. Clube de Desbravadores.
10. Pesquisa de opinião religiosa.

Para que uma classe bíblica não se desfaça, e nem desfaleça pelo caminho,

Flávio P. da Silva Filho

Pastor distrital em
Concórdia; PA



Cortesia pelo autor

deve sempre receber novas pessoas vindas das diversas frentes do trabalho de contato missionário da igreja.

Convites também podem ser entregues aos visitantes que assistem aos nossos cultos, ou à Escola Sabatina. Ao conhecerem a classe, uma sugestão é oferecer a eles um presente, que pode ser simples, como uma revista, um marcador de páginas ou outra coisa.

Os Clubes de Desbravadores, as classes da Escola Sabatina de crianças, os alunos de nossos colégios e a assistência social são muito importantes na conquista de interessados para as classes bíblicas.

DIAS E HORÁRIOS

A definição dos dias semanais e horários para a classe bíblica é determinada conforme a disponibilidade do grupo específico de alunos, com os quais se deseja trabalhar. Na verdade, qualquer dia ou horário em que exista um grupo de pessoas disposto a estudar a Bíblia, configurará-se como o momento mais adequado para o funcionamento da classe.

Em algumas igrejas, a classe bíblica funciona no horário da Escola Sabatina. Outras, no sábado, às 16h, ou no domingo, em um horário que seja adequado para a assistência dos interessados. As classes bíblicas podem funcionar durante a semana, com o apoio dos colégios, ou nas reuniões do Clube de Desbravadores.

TESTEMUNHO PESSOAL

Ao trabalhar como pastor na cidade de Redenção, PA, durante os anos de 2015 e 2016, eu tive a oportunidade de dirigir uma classe bíblica todas as sextas-feiras, à tarde, no presídio daquela cidade. A estrutura do trabalho ali desenvolvido era extremamente simples, e eu apenas me assentava no chão com os detentos, desenvolvendo a cada semana um tema diferente de uma série específica de estudos bíblicos.

Em uma das aulas, um dos presidiários me perguntou: Pastor, o que devo

fazer para me converter? “Era como se ele dissesse: O que eu devo fazer para ser salvo?” Quero saber, de maneira simples e direta, quais são os passos indispensáveis para a minha conversão (Ver Ellen G. White, *Evangelismo*, p.188).

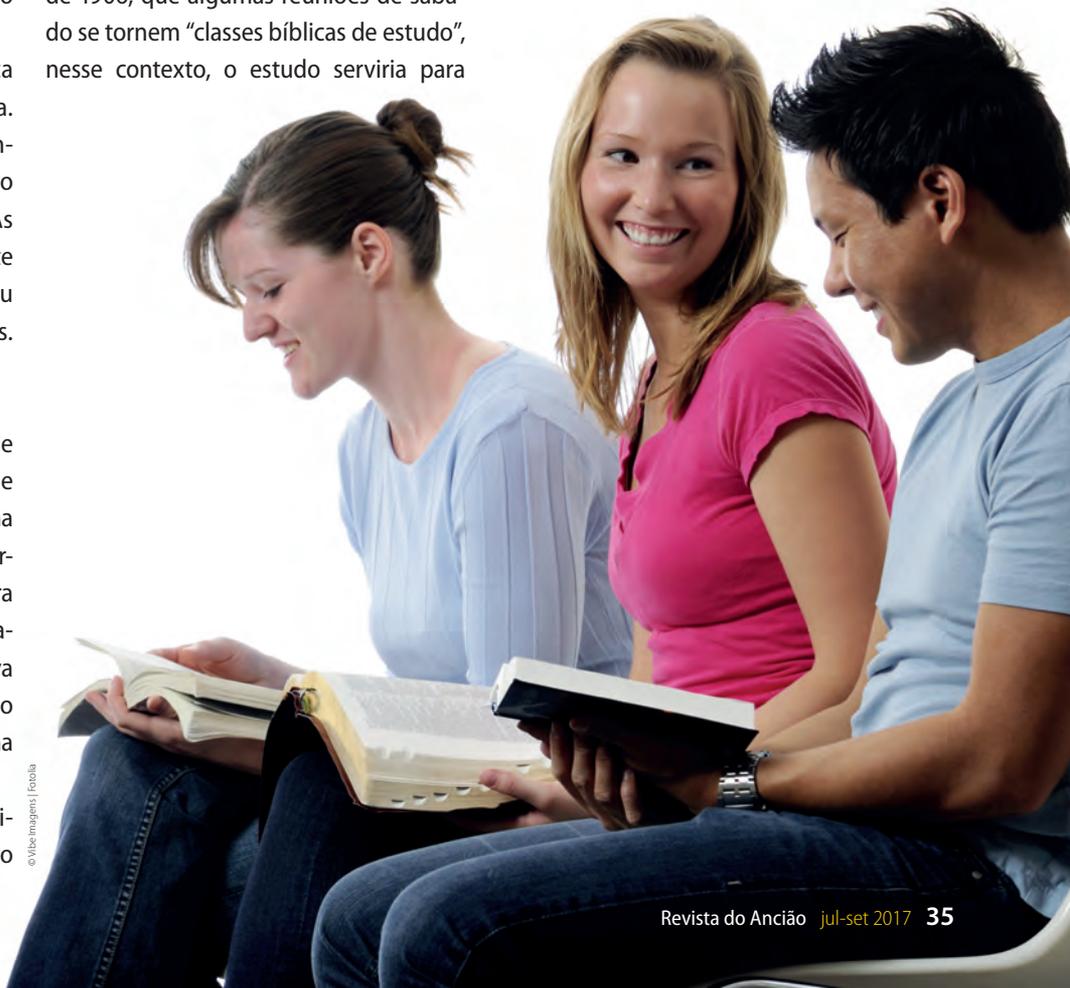
Na verdade, estas são as perguntas básicas que devem ser respondidas em uma classe bíblica e, dentro desse contexto, a Bíblia deve ser explicada de maneira tão simples e interessante que qualquer pessoa possa entender o que é a salvação (Ver *Evangelismo*, p. 348). Na classe bíblica, a Palavra de Deus deve ser cristalina e profunda, em “linguagem pura, refinada e clara, como a água de um córrego” (Ellen G. White. *O Libertador*, p.142).

A classe bíblica existe para “dizer uma boa palavra ao cansado” (Is 50:4), e para que seu instrutor, através do tato, lide com pessoas difíceis, ganhando-lhes o coração por meio de ilustrações. Ellen White chega a propor, em uma publicação, de 1906, que algumas reuniões de sábado se tornem “classes bíblicas de estudo”, nesse contexto, o estudo serviria para

tirar dúvidas e aprofundar o conhecimento da verdade, conforme é apresentada na Bíblia (Ver *Evangelismo*, p. 152, 348). Já em uma carta de 1910, ela enfatiza ainda que nas reuniões campais, as classes bíblicas deveriam ocupar o papel principal. (Ver *Evangelismo*, p. 473, 474).

CONCLUSÃO

Após quase dois anos de evangelização por meio de uma classe bíblica no presídio da cidade de Redenção, PA, com a ajuda de três membros da igreja, sendo um deles carcereiro, dezesseis detentos foram batizados. O diferencial não foi a sofisticação da classe, até porque, devido às condições, isso não seria possível, mas o poder de Deus agindo na simplicidade. Eles foram batizados porque confiaram na mensagem e porque perceberam que nos sentíamos bem ao nos assentarmos com eles. E além disso, um ponto fundamental para a decisão deles foram as orações da igreja. ■



© Vibe Images | Fotobá

2017

Programa da Igreja

COMUNICAÇÃO
DIVISÃO SUL-AMERICANA

JULHO

22 Semana de Oração JA

29 Semana de Oração JA

AGOSTO

05 Dia de Multiplicação de Pequenos Grupos

26 Projeto “Quebrando o Silêncio”

SETEMBRO

16 Dia Mundial do Desbravador

23 Batismo da Primavera

multiplique
esperança